

*A Nação e a Juventude
Comunista do Brasil*



A NAÇÃO E A JUVENTUDE COMUNISTA DO BRASIL

RESUMO

A Revolução Russa (1917) e a fundação da Internacional Comunista (1919) impuseram uma nova pauta ao movimento político organizado dos trabalhadores em escala internacional. Entre eles estava a busca de sua centralização em caráter planetário, tanto organizativa como ideológica. No Brasil, com a frágil tradição organizativa e política do movimento dos trabalhadores, a criação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922, trouxe uma série de questões que traziam um acúmulo que existia há décadas na Europa, mas que por aqui eram praticamente desconhecidos. Entre estas questões estava a da organização política da juventude, que na Europa já possuía uma história que remontava aos anos de 1880. Embora prevista em seu Estatuto desde sua fundação, o PCB somente conseguirá conformar a sua organização de juventude em 1927. Para isso, terá um papel fundamental o diário comunista carioca *A Nação*, que foi publicado de janeiro a agosto de 1927, em um período de atuação semilegal dos comunistas brasileiros. Através de suas páginas, em um trabalho tateante, feito por jovens inexperientes e voluntariosos, se iniciará a conformação dessa organização. Neste trabalho de organização serão estabelecidos pontos de identidade dessa nova forma de organização dos jovens em terras brasileiras, que até então apenas os vira organizados sob a tutela da Igreja Católica.

PALAVRAS-CHAVE

Comunismo. Juventude. Partido Comunista do Brasil (PCB). *A Nação*.

Em março de 1922 foi fundado o Partido Comunista do Brasil (PCB) como produto, de um lado, da fracassada experiência do movimento operário com a liderança dos anarquistas durante o surto grevista de 1917-1919 e, de outro, da empolgação decorrente da vitória da Revolução Russa de 1917.

Como os demais partidos comunistas criados naquela quadra, o PCB nasceu a partir de uma cisão ocorrida no interior da corrente revolucionária hegemônica no movimento operário brasileiro. A excepcionalidade do partido brasileiro foi a de que seu núcleo originário veio das fileiras anarquistas, em um país no qual as ideias socialdemocratas eram pouco conhecidas. Convertidos ao comunismo, os neófitos militantes tinham diante de si enormes tarefas: superar sua própria herança anarquista e propor uma nova política entre os trabalhadores brasileiros, política esta, destaque-se, concebida pela Internacional Comunista (IC) tendo em vista a experiência socialdemocrata europeia, sem que, no entanto, houvesse algo historicamente semelhante no Brasil.

O novo partido logo buscou legitimar-se perante a Internacional Comunista, com o envio de um delegado ao IV Congresso da IC, realizado naquele ano de 1922. Todavia, a atuação do delegado enviado pelo jovem partido fez com que o reconhecimento somente ocorresse no V Congresso da IC, realizado em 1924. No Congresso de 1924, conhecido como o da “bolchevização”, estabeleceram-se novas formas de organização para os PCs, burocratizando suas estruturas. Deste processo, cujo foco era eliminar qualquer divergência em relação à orientação majoritária, resultou um enfraquecimento do regime de democracia interna no partido e um empobrecimento do debate teórico tanto no Comitê Executivo da IC como nas seções

¹ Pós-doutorando em História no IFCH-UNICAMP, coordena o Centro Sérgio Buarque de Holanda da Fundação Perseu Abramo. <dakar@uol.com.br>.

nacionais. Ademais, o processo deve ser entendido como o da pré-stalinização, como o definiu Pierre Broué.² Fica claro que, em razão do parco interesse dos chamados países coloniais, especialmente os da América Latina, tais alterações na orientação internacional não foram pensadas para a realidade da luta de classes no Brasil, palco de atuação do novo PCB. Todavia, é importante assinalar que justamente neste momento o jovem partido aderiu ao “exército da revolução mundial”, organicamente vinculado à IC, desenvolvendo-se sob sua perspectiva, sem qualquer possibilidade de recuo ao passado de discussões e de democracia partidária interna experimentada anteriormente.

Tal situação configurou um curioso quadro para o comunismo no Brasil. De um lado, longínquos e inatingíveis “modelos” (o Partido Comunista soviético e a IC) e, de outro, a tentativa de elaboração por parte do PCB de uma via que não contrariasse os ditames de Moscou, mas que fosse compatível com a realidade brasileira. O resultado foi um partido com enormes dificuldades para transformar-se em um partido de massas.

Desde sua fundação, como produto de um “modelo” de partido e de suas respectivas estruturas imposto pela Internacional Comunista, o PCB tinha como tarefa a constituição de sua juventude, já definida em seu primeiro estatuto.³ No entanto, a Juventude Comunista somente foi de fato constituída em 1927. Nos outros países latino-americanos a criação das Juventudes Comunistas também se fez lentamente. Até 1929, além

² BROUÉ, P. *História da Internacional Comunista* (vol. 1). São Paulo: Sundermann, 2007, p. 475.

³ “Art. 11º - É dever de cada centro organizar uma juventude comunista constituída por jovens menores de 18 anos. Os que ultrapassem essa idade podem permanecer na juventude, com a obrigação, porém, de se filiarem diretamente ao Partido.

Art. 12º - As juventudes comunistas, para serem reconhecidas como tais devem aceitar os princípios fundamentais do Partido e adotar estatutos concordes com os mesmos, sob o controle da Comissão Central Executiva e dos centros. Quanto aos demais, gozam da plena autonomia, quer no concernente à sua constituição interna como sobre a forma de desenvolver sua propaganda.”

do Brasil, haviam sido criadas seções juvenis no México (1920), na Argentina (1921) e no Uruguai (1923). Somente na Argentina havia uma tradição de organização juvenil originária do Partido Socialista que remontava a 1912⁴, nos demais países ela ocorreu a partir da existência dos partidos comunistas.

O PCB viveu parte significativa de sua trajetória sob clandestinidade. Sucessivos governos do Brasil prontamente declaravam sua ilegalidade sob os mais diversos aspectos e pretextos. Pode-se considerar que em um desses períodos, entre janeiro e meados de agosto de 1927, os comunistas viveram a sua primeira experiência de constituição de um partido de massas, interrompida com a proclamação da chamada “Lei Celerada”, que exacerbou os mecanismos repressivos contra os trabalhadores e suas organizações. Foi neste período que os comunistas também intensificaram o seu trabalho entre a juventude e, para isso, contaram com uma importante ferramenta, o diário *A Nação*. Este texto tem por finalidade examinar mais de perto como ocorreu esta primeira tentativa em terras brasileiras de agrupar a juventude no campo da política.

A JUVENTUDE COMUNISTA DO BRASIL

O universo de preocupações que se apresentava à Juventude Comunista do Brasil era bastante amplo, a começar por seu potencial público. Fazendo uso de dados do Censo de 1º de setembro de 1920, os comunistas afirmavam que em uma população total de 30.635.605 habitantes no Brasil, havia “1.789.876 jovens operários, dos quais 1.254.431 trabalhavam no interior do país, na produção de matérias-primas, na agricultura e nas minas”. Mas, sem dúvida, as questões em torno das quais a Juventude Comunista pretendia ter como foco de atenção e atuação ampliavam em muito as que já eram postas ao PCB quando se ocupava do mundo do trabalho. A percepção do universo de

⁴ INTERNACIONAL COMUNISTA. Secretariado Sul-Americano. *El movimiento revolucionario latino-americano*. Buenos Aires: La Correspondencia Sudamericana, [1929], p. 349.

intervenção e dos problemas da juventude operária que a Juventude Comunista apresentava mostra já alguma acurácia:

Existe um Código de Menores que legisla sobre a presença de menores em teatros, cinemas, crianças abandonadas, etc., [que] contém um capítulo sobre o trabalho dos jovens, capítulo que a burguesia “ignorava”. A legislação é ridícula porque embora limite o trabalho dos jovens nas fábricas a 6 horas, proíbe o trabalho de crianças, etc., ela (além de não ser cumprida) não se preocupa com os salários, não levando em conta que o emprego dos menores é a resultante da grande miséria que reina no proletariado. [...] A repressão patronal e policial, a debilidade do movimento sindical, o analfabetismo da maioria dos jovens operários, as dificuldades para as reuniões [...], a religião, o domínio completo do esporte burguês, um professorado corrompido pelo patriotismo e pela religião.⁵

Até ali as diminutas forças do PCB não haviam sido capazes de abrir frentes de intervenção que fossem além dos sindicatos e da disputa pela hegemonia ideológica com os anarquistas no movimento dos trabalhadores. As primeiras tentativas de organização da juventude, pondo-se de lado a protocolar referência à constituição da organização juvenil existente nos seus Estatutos, ocorreram em 1925. Durante os trabalhos do II Congresso do PCB, realizado no Rio de Janeiro, de 15 a 18 de maio de 1925, a discussão sobre a Juventude foi trazida à baila através de uma curta resolução sobre “A organização das Juventudes Comunistas”:

Não é preciso mais insistir sobre a importância das Juventudes Comunistas para o movimento proletário. A importância da criação da vanguarda dos jovens militantes é tanto maior agora, quanto a sua organização, obedecendo à mesma orientação da organização do partido, isto é, sendo feita à base de células, vai conquistar

⁵ La organización juvenil comunista. *Correspondência Juvenil Latino Americana*. Buenos Aires, nº 1, jan. 1929. p. 24.

os jovens obreiros e proletários dentro das próprias oficinas e lugares de trabalho.

Já na conferência da C.C.E. Ampliada do P.C.B., em Janeiro de 1924, foi tratado o assunto e se recomendou às seções que cuidassem da organização da J.C.

Infelizmente, só no Rio se tratou disso e isso mesmo de modo deficiente. No entanto, avulta, cada vez mais, a necessidade de se encarar a questão da organização das J.C.

O II Congresso do P.C. recomenda às seções uma redobrada energia neste ramo da propaganda e organização do P.C.

Em tempo, a C.C.E. fará circular o material informativo sobre o assunto.⁶

Logo após o II Congresso foi constituída uma Comissão Central Executiva Provisório da Juventude Comunista do Brasil, que tinha como secretário Luiz Perez, operário vassoureiro, fundador do PCB e membro Comissão Central Executiva (CCE) do PCB.

Na documentação preservada nos arquivos da Internacional Comunista, o mais antigo documento ali é uma carta de Perez, datada de 8 de maio de 1925, dando conta da constituição da CCE Provisória e solicitando material de divulgação à IJC.

Pouco tempo depois, Perez enviou à IJC um relatório mais detalhado, mas que apenas reforçava a constatação de pouca atividade. As informações esmiuçavam mais as atividades desenvolvidas na cidade do Rio de Janeiro, onde estava sediada a CCE do PCB. Após a constituição da CCE provisória da Juventude, esta decidiu promover reuniões de propaganda abertas a militantes ou não, nas quais se obteve a adesão de quatro novos militantes. Tais reuniões foram substituídas por um curso para militantes, para o qual estavam inscritos dez militantes, número que parece indicar a composição das forças da Juventude no Rio de Janeiro.

⁶ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. II Congresso do P.C.B. (Seção Brasileira da Internacional Comunista). A organização das Juventudes Comunistas. *Teses e resoluções*. Rio de Janeiro: s.c.p., 1925, p. 22.

Perez, em seguida, narrou as tentativas realizadas em outros locais. Feitas por carta através de sucessivos e insistentes pedidos, a iniciativa não produziu qualquer resultado apreciável. Assim, fica-se sabendo que a cidade de São Paulo tivera naquele período três responsáveis pela Juventude, sendo que o último dissera que não conhecia nenhum jovem e acabou se demitindo. Em Santos havia um aderente. De outras localidades, como Pernambuco, Rio Grande do Sul, Bahia e Espírito Santo, os parques militantes pareciam, nas palavras de Perez, terem sido tragados pela terra. E, furioso, concluiu:

Ora, decididamente, isto não pode continuar. Entendemos que cada um tem o dever de empregar o máximo do seu esforço no trabalho para o qual foi designado. Já bastam as dificuldades que temos, oriundas do estado de sítio, que nos impedem de fazer um trabalho de propaganda dentro da legalidade, e ainda por cima: a inércia, o descaso, o desleixo e o desinteresse daqueles que assumem compromissos.⁷

Em fins de 1926, o até então responsável na direção do PCB pela Juventude Comunista, Luiz Peres, afastou-se do cargo, deixando o Rio de Janeiro por razões pessoais. Este fato motivou a CCE do PCB a buscar a efetiva organização da Juventude Comunista nos mesmos moldes em que existia em outros países, superando o estágio inorgânico que até então tivera o trabalho entre os jovens. Para tanto fez-se, como narrou Leôncio Basbaum em suas memórias, uma “experiência-piloto” em Recife, onde o memorialista, em férias de seu curso de Medicina no Rio de Janeiro, foi rever sua família. Ali, durante dois meses, Basbaum, fazendo uso do futebol como elemento de agregação, reuniu mais de 20 jovens e organizou o primeiro Comitê Regional da futura Juventude Comunista.⁸

⁷ PEREZ, L. *Relatório do encarregado do serviço da J.C. na C.C.E. do P.C.B.* [Rio de Janeiro], s.d. [RGASPI, 533.10.599]

⁸ BASBAUM, L. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 42-44.

Após seu retorno, em abril de 1927, Basbaum foi incorporado à CCE, com direito a voz e voto, como representante da Juventude Comunista. Basbaum dividiu suas tarefas de direção da Juventude com os estudantes universitários Manuel Karacik e Francisco Mangabeira.

A NAÇÃO E A JUVENTUDE COMUNISTA

Em janeiro de 1927, pouco antes da incorporação de um membro representante da Juventude Comunista à direção do PCB, o partido começara a viver um período de legalidade, para o qual buscava efetivar mecanismos de atuação política. Os dois principais foram a criação de um organismo de caráter eleitoral, o Bloco Operário, e a publicação de um diário no Rio de Janeiro, *A Nação*.

Algum tempo antes das negociações para a formação do Bloco Operário, posteriormente Bloco Operário e Camponês, e da composição da sua chapa eleitoral, no final do governo de Washington Luís, o PCB recebera uma oferta inesperada por parte de Leônidas de Rezende, um professor de Direito que editara um jornal de oposição que fora fechado pelo estado de sítio declarado em 14 de julho de 1924. Em fins de agosto de 1926, ele propôs aos comunistas a retomada da publicação do jornal, desta vez como órgão a serviço do PCB.

Ao findar-se o estado de sítio, em 31 de dezembro de 1926, o PCB já tinha articulada sua estrutura básica para participar das eleições no Distrito Federal para escolha de seus deputados federais: um candidato com expressão eleitoral própria disposto a apoiar a plataforma do Bloco Operário e um jornal diário para levar seus pontos de vista a uma grande parcela da população carioca, muito além da atingida até então pelo partido.

Assim, no dia 3 de janeiro de 1927 apareceu o primeiro número de *A Nação*. Inicialmente publicado com seis páginas, que foram reduzidas a quatro a partir de 16 de fevereiro, era, como não poderia deixar de ser, um jornal predominantemente político, com artigos sobre questões locais, regionais, nacionais ou internacionais. Ao movimento sindical era dedicada uma página diária, sob o título “Movimento Sindical”, na qual além de artigos, manifestos, etc., eram publicados estatutos, pequenos

comunicados, convocações para reuniões, etc. Mas *A Nação* também possuía algumas características próprias de um diário, com seções dedicadas a esportes e a bailes (que tinha o singular nome de “Vai Quebrar”), bem como aos “fait-divers”. Seus principais redatores eram Octavio Brandão, Paulo de Lacerda e Astrojildo Pereira.⁹

O modo pelo qual *A Nação* procurava estabelecer vínculos e ser a expressão do proletariado tinha uma maior amplitude de objetos e formas, desde matérias sobre as condições de trabalho e de vida da classe trabalhadora, que expunham de forma cotidiana e prática vários pontos do programa comunista — como a questão da habitação, da reforma monetária e da carestia, da penetração imperialista no Brasil, da anistia, das leis de exceção e da legislação social, em particular da aplicação da lei de férias —, passando por textos referentes à União Soviética — que remetiam, portanto, à questão de um possível futuro da classe trabalhadora brasileira —, ao esporte e ao lazer, até textos sobre o movimento sindical, concentrados na página sindical, expressando suas lutas, propostas e reivindicações. E isto se dava com um volume de informação específica relativa ao mundo do trabalho que não tinha paralelo naquele momento com qualquer outro periódico carioca.

Aproveitando-se do curto período de semilegalidade que viveu o PCB nos oito primeiros meses de 1927, fez-se, sobretudo pelas páginas do diário oficial do partido, *A Nação*, agitação em favor da organização da Juventude Comunista.

As várias ações propostas e desenvolvidas nas páginas do diário ao longo de seus pouco mais de sete meses de existência buscaram a consolidação da organização juvenil comunista.

A primeira de tais ações ocorreu logo nos primeiros números do diário: a iniciativa da formação da União da Juventude do Comércio e da Indústria, que fora proposta a partir da visita de uma comitiva de jovens à redação de *A Nação*,

⁹ BRANDÃO, O. *Combates e batalhas. Memórias* (vol. 1). São Paulo: Alfa-Omega, 1978, p. 331-333; DULLES, J. W. F. *Anarquistas e comunistas (1900-1935)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 254-255. Ver também KONDER, L. *A derrota da dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 152-154.

retratados nas suas páginas.¹⁰ A estes jovens, em grande maioria trajando paletós, gravatas e chapéus, foi-lhes proposta a criação de uma entidade voltada para a organização do trabalho dos jovens trabalhadores do comércio ou que buscavam nele se inserir¹¹, mas que não apresentava um vínculo explícito com o PCB. A sua preocupação voltava-se para o campo sindical e o das condições de vida dos jovens trabalhadores:

É verdadeiramente trágica a vida que levam os pequenos proletários que buscam um emprego no comércio e na indústria. Moram longe: em Bangu, em Campo Grande. Têm de acordar muito cedo. Se perdem o trem, chegam tarde ao escritório ou à fábrica, e perdem o dia. Os salários atingem no máximo 150\$ a seco. O normal é 100\$. E essas pobres crianças vivem a alimentar-se com médias a pão. Começam a ficar desesperadas. A tuberculose, então resolve o problema.
Eis o que espera a juventude em regime capitalista: fome, exaustão, a miséria e a morte.¹²

Dessa iniciativa resultou a criação da Comissão Organizadora da União da Juventude do Comércio e da Indústria, a qual, a julgar pelo noticiário de *A Nação*, acabou não vingando.

Outras iniciativas desse gênero apresentadas nas páginas de *A Nação* tinham como foco retratar e denunciar as penosas e precárias condições de trabalho, os baixos salários ofertados pelas empresas, a péssima alimentação que consumiam, as extensas jornadas de trabalho, a sua condição de reserva de mão-de-obra

¹⁰ VIVA a União da Juventude do Comércio e da Indústria! *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 271, 4 jan. 1927, p. 6.

¹¹ Todas as matérias citadas nesta nota fazem parte do jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro. UNIÃO da Juventude do Comércio e da Indústria: a tragédia dos pequenos proletários, nº 273, 6 jan. 1927, p. 3; AOS JOVENS proletários do comércio e da indústria, nº 275, 8 jan. 1927, p. 3; SOBRINHO, A. R. Pela juventude operária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 284, 19 jan. 1927, p. 3; RIBEIRO, A. Viva a União da Juventude do Comércio e Indústria, nº 275, 8 jan. 1927, p. 3;

¹² UNIÃO da Juventude do Comércio e da Indústria: a tragédia dos pequenos proletários. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 287, 22 jan. 1927, p. 3.

para provocar o rebaixamento dos salários — e, em consequência, jogá-los contra os trabalhadores mais velhos —, as agressões e tratamentos desrespeitosos a que eram submetidos os jovens por parte das chefias. Além disso, chamava-se a atenção dos jovens trabalhadores para a importância da educação e do lazer.¹³ Estas matérias envolviam as mais variadas categorias profissionais: trabalhadores têxteis, vendedores de jornal, alfaiates, telefonistas, engraxates, aprendizes metalúrgicos, trabalhadores da construção civil, trabalhadores na indústria de fogos de artifício, trabalhadores em fábricas de bebida.¹⁴ Estes textos de modo geral encerravam-se com apelos para que os jovens se organizassem, sendo que, por vezes, os apelos ora apontavam às suas organizações de classe, ora, posteriormente, à Juventude Comunista:

Nós, os jovens, somos explorados miseravelmente e sem a menor consideração dos patrões, isto é, a burguesia.

¹³ LIMA H. F. À juventude operária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 274, 07 jan. 1927, p. 6.

¹⁴ Todas as matérias citadas nesta nota fazem parte do jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro. COMO são tratados os pequenos jornaleiros!, nº 274, 7 jan. 1927, p. 2; AOS JOVENS em fábricas de tecidos, nº 274, 7 jan. 1927, p. 3; JOVENS tecelões, organizai-vos dentro de União e dentro da Juventude Comunista, nº 382, 16 mai. 1927, p. 3; LIMA, H. À juventude operária, nº 274, 07 jan. 1927, p. 6; TRISTE sorte a das telefonistas, nº 272, 5 jan. 1927, p. 5; AS TELEFONISTAS da Light e a nossa publicação a respeito das explorações de que são vítimas, nº 274, 7 jan. 1927, p. 6; MALDADE e inconsciência: por que perseguir os pequenos engraxates?, nº 292, 28 jan. 1927, p. 1; AS CRIANÇAS proletárias: abaixo a exploração na metalurgia!, nº 293, 29 jan. 1927, p. 4; TRÁGICO!!! Caiu do alto de um arranha-céu ao solo. A vítima é um menino operário de quatorze anos, apenas. Esta a sorte desgraçada dos pobres neste regime!, nº 300, 7 fev. 1927, p. 6; SOBRE A MORTE do menor operário Waldemar da Silva, nº 301, 8 fev. 1927, p. 2 e nº 302, 9 fev. 1927, p. 2; BRAÚNA, B. [possivelmente pseudônimo de Octavio Brandão]. Jovens proletários de pé! O caso do menor Waldemar, nº 303, 10 fev. 1927, p. 4; NA NEGRA noite do sítio bernardesco: um bandido leva à morte um infeliz menino de 14 anos, nº 310, 18 fev. 1927, p. 1; NOS MAJESTOSOS 'rasga-cielos' da Avenida. Entre operários daquelas arriscadas construções. A vida trágica dos meninos proletários. E não há questão social no Brasil?, nº 311, 19 fev. 1927, p. 2; HORRÍVEL explosão no Rio Comprido. Morte de um jovem e diversos feridos, nº 315, 24 fev. 1927, p. 4; NA COMPANHIA Cervejaria Brahma, nº 408, 15 jun. 1927, p. 3; O MARTÍRIO dos pequenos proletários, nº 401, 7 jun. 1927, p. 2.

Trabalhamos quatorze e quinze horas por dia, quando deveríamos trabalhar 8 horas. O descanso semanal está sendo burlado.

Em grande número de estabelecimentos o descanso é quinzenal.

Tratam-nos como se estivéssemos no tempo da escravidão. Os nossos ordenados são simplesmente ridículos. Ganhamos geralmente de 80\$000 a 120\$000, quando, só pela habitação, gastamos mensalmente 30\$000, mesmo assim morando 3 ou 4, num quarto só, sem higiene, sem sol, sem ventilação. Temos de vestir-nos, comprar calçados, alimentar-nos. Os nossos ordenados, mesquinhos, não chegam para nada. E, além destas despesas, temos de mandar lavar a nossa roupa.

Acresce ficarmos desempregados, outras vezes doentes; e então é a miséria na mais terrível acepção da palavra!

Esta situação não pode continuar, jovens companheiros, precisamos organizarmo-nos!¹⁵

MILITARISMO

Também se encontram ao longo das páginas do diário comunista artigos dedicados à questão militar, nos quais foram tratadas tanto questões relativas ao crescente armamento das Forças Armadas como ao serviço militar obrigatório, ponto este que afetava em especial a juventude, temática muito enfatizada pelo movimento internacional da juventude comunista.¹⁶

¹⁵ DOMINGUES, A. D. Aos jovens operários! *A Nação*. Rio de Janeiro, n° 278, 12 jan. 1927, p. 6.

¹⁶ Todas as matérias citadas nesta nota fazem parte do jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro. O MILITARISMO no Brasil: a lei do sorteio não é para todos, mas somente para o proletariado, n° 297, 3 fev. 1927, p. 2; O MILITARISMO no Brasil: a lei do sorteio é também imoral arma de suborno, n° 298, 4 fev. 1927, p. 1 e 2; O MILITARISMO no Brasil: deveríamos ser pacifistas, e, no entanto, despendemos com os serviços do exército e da marinha mais de 60% de nossas rendas, n° 303, 10 fev. 1927, p. 2; O MILITARISMO no Brasil: pensamos pela cabeça dos imperialistas europeus, daí por que substituímos o voluntariado pelo sorteio, n° 309, 17 fev. 1927, p. 2; O MILITARISMO no Brasil: o exército burguês deve ser destruído, destroçado e substituído por outro, n° 311, 19 fev. 1927, p. 4; O MILITARISMO: os soldados estão a

No caso do serviço militar obrigatório *A Nação* examinou com minúcias em uma longa série a Lei nº 1.860, de 4/1/1908 e seus sucessivos regulamentos, os quais estabeleciam o serviço militar obrigatório, a forma do sorteio como norma de convocação e definição dos casos de dispensa. Esta lei o diário comunista sempre a tratou como inconstitucional e advogava a sua revogação, argumentando que a forma de sorteio afetava em grande parte apenas jovens trabalhadores pobres. O fato de que um significativo número destes jovens recusava-se a submeter-se aos ditames da lei fez com os comunistas brasileiros se valessem dessa questão com vistas a travar um diálogo com a juventude e ao mesmo tempo organizá-la em torno desta e de outras questões relativas ao serviço militar. Segundo *A Nação*, apenas na cidade do Rio de Janeiro havia 5.000 insubmissos, os quais o governo brasileiro pretendia perseguir.¹⁷

No primeiro texto desta série, que nunca é assinada, o autor do texto, ao citar as exceções ao exercício do serviço militar, concluiu que, “além de retrógrada e anárquica, é injusta. É branda para a burguesia e de arrocho para o proletariado”. Tais exceções deixavam claro o caráter de classe dos citados diplomas legais:

Os proletários, em geral, não são nem titulados de institutos de ensino superior e secundário, nem estudantes, nem possuidores de certificado oficial de instrução, nem sócios de tiros de guerra.

Estes são somente os filhos dos burgueses, dos que podem. Os que não estudam e não se divertem nas linhas de tiro porque têm de viver do seu trabalho, estes não têm direito àquela dispensa, àquele favor: têm de gramar no duro todo o tempo do serviço militar.¹⁸

serviço de uma classe que não é a sua, nº 336, 1º abr. 1927, p. 1 e 4; O MILITARISMO no Brasil: por que não é abolido o sorteio?, nº 370, 2 mai. 1927, p. 2; O MILITARISMO no Brasil: em princípio, nas próprias democracias burguesas, ‘devem ser idênticas as condições pessoais, domésticas e sociais de todos que servem sob as bandeiras’, oficiais e soldados, nº 370, 2 mai. 1927, p. 4.

¹⁷ O MILITARISMO no Brasil: por que não é abolido o sorteio?. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 370, 2 mai. 1927, p. 2.

¹⁸ O MILITARISMO no Brasil: a lei do sorteio não é para todos, mas somente para o proletariado. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 297, 3 fev. 1927, p. 2.

Nem mesmo o estatuto do arrimo de família, exceção a qual, em tese, beneficiaria aqueles de menor poder aquisitivo e que o serviço militar impediria de continuar provendo a renda familiar, se exime desse caráter de classe:

O art. 124 do citado regulamento ainda dispensa desse serviço todos os *arrimos de família*, mediante condições e provas que estipula. Mas essas condições e provas são de tal ordem complicadas que delas se servem, delas se beneficiam, não verdadeiros, mas falsos arrimos de família, isto é, ainda os burguezocratas, aqueles que, com o dinheiro para a rebulice, não se apertam nunca. Os outros, sem esse recurso, têm de ir mesmo para as fileiras. Têm de ir nelas aumentar sua miséria e a daqueles a quem sustentam.¹⁹

Nessa mesma série dedicada ao exame da Lei nº 1.860, o autor destaca a série de vantagens dadas aos funcionários públicos que fizeram o serviço militar e classifica tais disposições como “contrárias aos chamados direitos civis e político que formam a índole do regime republicano”. *A Nação* apresenta tais vantagens como imorais, além de inculcar valores militares no poder público:

Os brasileiros devem recomendar-se a esses cargos, civis ou militares, não importa o posto, pelo seu passado e pelo seu presente, pela sua capacidade especial, quaisquer que sejam suas opiniões, e não pelas suas qualidades guerreiras, não pela sua atividade militar, não pela sua destreza no manejo das armas. O governo não pode sobrepor este elemento material àquele de ordem mental e moral.²⁰

Em prosseguimento aos textos sobre o sorteio militar, a série dá um salto e passa a tratar da questão da tomada do poder e do armamento dos operários. Num artigo foram apresentados extratos de textos de Bukharin, o qual tinha uma perspectiva

¹⁹ Id., *Ibid*, grifos do original.

²⁰ O MILITARISMO no Brasil: a lei do sorteio é também imoral arma de suborno. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 298, 4 fev. 1927, p. 2.

mais claramente institucional, e de Lenin, que já trazia algo mais reflexivo sobre o papel das forças armadas, a respeito da constituição de organizações militares comunistas, que serviriam de base ao novo exército do proletariado. A estes textos, que não possuem obviamente uma atualidade para o Brasil mas apontam para um futuro indeterminado, seguem algumas considerações a respeito de que no novo exército devem ainda ser conservados elementos do antigo e também isto se fará por vezes com a utilização da violência. E o texto termina com um inacreditável conselho aos jovens operários sorteados para o serviço militar:

Portanto, proletários sorteados, já que sois vítimas da violência governamental, conservai convosco, depois de concluído vosso serviço militar, as armas que vos derem. Hoje, elas são instrumentos de castigo, de opressão, a vós imposto. Amanhã, serão os alicerces do novo Exército, que será vossa redenção.²¹

Depois de voltar seus olhos à questão do serviço militar, a série dedicada ao militarismo passou em revista a política militar dos governos republicanos brasileiros. Antes de tudo afirma aos leitores do diário comunista que, de acordo com a Constituição republicana, o Brasil deveria adotar uma política “pacífico-industrial” e não militarista. Lembra que a Constituinte republicana teria estabelecido, com este fito, o recurso ao arbitramento antes da guerra e o voluntariado, antes do sorteio obrigatório, para o serviço militar. Tais diretivas de índole pacifista logo se perderam e foram abandonadas em favor dos “mais retrógrados preconceitos imperialistas”. O primeiro ato nesse sentido foi a adoção da lei do serviço militar de 1908. Em seguida, foram lembradas aos leitores de *A Nação* as diversas missões militares brasileiras enviadas ao exterior com o fito de se instruírem militarmente, bem como as missões militares estrangeiras contratadas pelo Brasil para treinar as tropas nacionais e as manobras militares nas fronteiras do sul do país,

²¹ O MILITARISMO no Brasil: o exército burguês deve ser destruído, destroçado e substituído por outro. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 311, 19 fev. 1927, p. 4.

chamadas de “provocadores exibições bélicas”. Também aí foram destacados os pronunciamentos “guerreiros” de enviados brasileiros a conferências internacionais, bem como a oposição dessas delegações ao desarmamento ou à redução dos arsenais do Brasil. Por fim, chama a atenção para os elevados valores despendidos pelo país na manutenção de suas forças armadas, que seriam de 60% da receita orçamentária do Brasil, “computados nesse cálculo os juros e amortização da dívida” relativos aos serviços do Exército e da Marinha.²² Tal conjunto, de acordo com os comunistas, empobreceu o Brasil e o isolou na América (“amados, mas temidos neste continente”). A *Nação* propõe, por fim, que tal quadro fosse modificado com a adoção da proposta do delegado argentino na Conferência de Santiago, de substituir os armamentos por escolas.²³

Outra questão tratada na série sobre o militarismo foi a das distinções entre oficiais e praças. Depois de fazer um relato sobre o fim dos castigos corporais na Marinha²⁴, o autor da matéria ressalta uma passagem do relatório de 1911 do ministro da Marinha ao presidente da República:

Os chefes e oficiais de nossa Armada certamente estão convencidos, como eu, que uma criteriosa escolha do pessoal administrativo tanto pelo sorteio como pelo voluntariado, tendo-se o cuidado de eliminar sistematicamente os elementos que se revelam maus, e um regime de acordo com a nossa época e tendo em mira que *nas forças militares de uma República devem ser idênticas as condições pessoais, domésticas e sociais de todos que servem sob as bandeiras, só se estabelecendo diferenças de hierarquia para proveito público e não para*

²² A questão do volume orçamentário dedicado às forças armadas e à guerra também é exemplificada com o caso francês, cf. O MILITARISMO: os soldados estão a serviço de uma classe que não é a sua. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 336, 1º abr. 1927, p. 1 e 4.

²³ O MILITARISMO no Brasil: deveríamos ser pacifistas, e, no entanto, despendemos com os serviços do exército e da marinha mais de 60% de nossas rendas. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 303, 10 fev. 1927, p. 2.

²⁴ Curiosamente ele o faz sem mencionar a conhecida “Revolta da Chibata”, mas deixa-a implícita quando compara os relatórios da Marinha aos da Presidência da República de 1910 e 1911.

benefício pessoal, em breve libertar-nos-ão da crise que atravessamos e que se origina de longa data.²⁵

No entanto as ideias ressaltadas pelo articulista não combinam com as restrições estabelecidas na lei e nos regulamentos do sorteio, que estabelecem distinções no âmbito da “vida pessoal, doméstica e social” entre praças e oficiais. Tais normas proibiam o casamento dos praças, permitindo-o, no entanto, para os oficiais. Além disso, permitiam a exclusão a qualquer tempo dos oficiais, e classificam-na como *deserção* no caso dos praças. Tais distinções são mostradas como resultado de “preconceitos escravocratas que não podem ser tolerados”. Para os comunistas, tais normas demonstram que o serviço militar no Brasil “está errado em toda a sua estrutura”, não se podendo tolerar estas “regras de dignidade cívica diferentes, conforme se trate de inferiores ou superiores, do proletariado ou das classes burguesas e aristocráticas”.

ORGANIZAÇÃO

A partir de março de 1927, ao longo das páginas de *A Nação*, durante aquele período de semilegalidade do PCB, passaram a ocorrer explicitamente manifestações de atuação da Juventude Comunista: transcrição de atas de reunião da sua Comissão Executiva, convocatórias para reuniões de suas várias instâncias, cursos para a juventude, publicação de manifestos de suas instâncias nacionais (como a da Juventude Comunista das escolas aos estudantes universitários pela participação nas comemorações do 1º de Maio)²⁶ e internacionais (como a do 1º de Maio, de autoria do Secretariado Sul-Americano da IJC).²⁷

²⁵ O MILITARISMO no Brasil. “(...) em princípio, nas próprias democracias burguesas, ‘devem ser idênticas as condições pessoais, domésticas e sociais de todos que servem sob as bandeiras’, oficiais e soldados”. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 370, 2 mai. 1927, p. 4 (grifos do original).

²⁶ MANIFESTO aos estudantes. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 371, 5 mai. 1927, p. 3.

²⁷ SECRETARIADO Sul-Americano da Internacional Comunista dos Jovens. Um manifesto à Juventude Comunista: 1º de Maio. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 368, 30 abr. 1927, p. 3.

Estas pequenas notas são importantes indícios para evidenciar que se reconstituíra, em termos organizativos, a Juventude Comunista. Pode-se dizer que a “experiência-piloto” de Basbaum realizada em Recife, acima relatada, e a agitação feita através das páginas de *A Nação* sobre os problemas da juventude produziram a reorganização da Juventude Comunista, embora não tenha havido, a julgar pela documentação disponível, um ato formal naquele momento para seu reaparecimento. É muito provável que, por razões de ordem prática, tenha-se simplesmente revivido a organização instituída após o II Congresso do PCB, em maio de 1925.

Através das pequenas notas publicadas nas páginas de *A Nação*, é possível ter-se uma dimensão do que ocorria no âmbito da Juventude Comunista. Assim, ficamos sabendo, através de ata de reunião da Comissão Executiva da Juventude Comunista²⁸, que a Juventude Comunista estabelecera contatos em Juiz de Fora (MG), Sertãozinho (SP), Recife (PE), Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte e que das quatro últimas localidades vieram 18 fichas de adesão às fileiras juvenis. Além disso, afora a organização de células no Rio de Janeiro, a Comissão Executiva buscava construir um trabalho da organização entre os jovens trabalhadores tecelões cariocas.²⁹ No campo da formação, os dirigentes da Juventude Comunista pretendiam realizar um curso de “teoria comunista” e, no campo da agitação e propaganda, pretendiam editar um boletim mensal mimeografado para “coordenar o trabalho de reorganização em todo o país”.

Ao longo do mês de abril, a partir dessas pequenas notas é possível perceber-se que a iniciativa de constituição de células no Rio de Janeiro já começara a produzir resultados. Ao menos quatro delas têm notas convocatórias para reunião: a da Faculdade de Medicina (com quatro membros)³⁰; a A-R, do Centro

²⁸ JUVENTUDE COMUNISTA: Reunião da C.E. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 336, 23 mar. 1927, p. 2.

²⁹ A esse propósito ver também JOVENS tecelões, organizai-vos! Dentro de União e dentro da Juventude Comunista. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 382, 16 mai. 1927, p. 3.

³⁰ VIDA do Partido: Célula F. Medicina (Juventude). *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 336, 8 abr. 1927, p. 2.

(com sete membros)³¹; a B-R, da Praça Onze (com oito membros, tendo esta um membro do sexo feminino, Aurora Garça)³²; e a 19-R (sem informação sobre a quantidade de membros, mas de acordo com os Estatutos do PCB não se constituíam células com menos de três)³³. Neste mês de abril já se veem constituídas ao menos quatro células, com pelo menos 22 membros. Além disso, percebe-se que Leôncio Basbaum assume publicamente uma função de destaque na organização, pois a maioria destas pequenas notas foi assinada por ele, embora sem a designação de seu posto.

A partir da edição de 1º de julho de 1927, nas páginas do diário também se publicaram fichas de inscrição para a organização juvenil. Tais fichas, aliás, renderam cerca de uma centena de militantes e permitiu ao agrupamento reunir de cerca de 120 militantes, organizados em células nos municípios do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos, São Paulo, Sertãozinho, Ribeirão Preto, Vitória, e nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte.

JUVENTUDE PROLETÁRIA

Em fins de maio, *A Nação* passou a trazer em suas páginas uma seção semanal intitulada “Juventude Proletária”, a qual, sob o título, repetia semanalmente duas palavras de ordem, uma voltada diretamente aos jovens e outra, que chama a atenção pelo patriarcalismo, dirigida aos pais: “Juventude Proletária: Jovens operários de todos os países uni-vos!” e “Operários! Interessai os vossos filhos na luta pela libertação do proletariado!”. O seu objetivo era o de intensificar e concentrar

³¹ JUVENTUDE Comunista: Célula A-R (Centro). *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 336, 16 abr. 1927, p. 4.

³² JUVENTUDE Comunista. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 336, 22 abr. 1927, p. 2.

³³ VIDA do Partido. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 336, 27 abr. 1927, p. 2. A respeito da denominação das células do PCB naquele período é importante esclarecer que elas eram identificadas por um número, acompanhado de um indicativo, que podia ser R (residenciais) ou E (empresa) (cf. depoimento do gráfico Hylcar Leite in GOMES, A. de C. (Coord.). *Velhos militantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 168).

o que até então havia aparecido nas páginas do diário comunista, seja sob a forma de pequenos artigos esparsos³⁴ enfatizando a questão da necessidade da atuação política da juventude, seja sob variadas formas o que acima foi apontado. Esta linha foi assim sintetizada:

Daí a necessidade imprescindível dos jovens operários se congregarem economicamente nos sindicatos e politicamente dentro da *Juventude Comunista do Brasil*, para, em frente única com os seus camaradas adultos, lutarem eficazmente contra a burguesia.³⁵

Na apresentação da coluna eram formuladas, pela primeira vez, de forma sistematizada as reivindicações que a Juventude Comunista do Brasil elaborara a partir de suas atividades, em especial, após o aparecimento de *A Nação*:

- 1 - Contra a exploração econômica da juventude operária
 - a) Reivindicações gerais para todos os jovens menores de 18 anos.
 - 1 - Salários correspondentes ao nível de existência mínimo.
 - 2 - Luta contra a prolongação do dia de 8 horas, fazendo entrar as horas de estudos profissionais no dia de trabalho e pelo dia de 6 horas.
 - 3 - Mesma garantia dos socorros de chômage [desemprego] à juventude quanto aos adultos.
 - 4 - Colocação dos jovens sem trabalho nos ateliês profissionais.
 - 5 - Repouso do domingo de 24 horas (repouso dominical).

³⁴ Todas as matérias citadas nesta nota fazem parte do jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro. LIMA, H. F. À Juventude operária, nº 274, 7 jan. 1927, p. 6; DOMINGUES, A. D. Aos jovens operários!, nº 278, 12 jan. 1927, p. 6; SOBRINHO A. R. Pela juventude operária, nº 284, 19 jan. 1927, p. 3; RODRIGUES, A. D. Aos jovens operários, nº 286, 21 jan. 1927, p. 3; RODRIGUES, A. D. Aos jovens operários!, nº 288, 24 jan. 1927, p. 3; e A MOCIDADE e o comunismo, nº 343, 31 mar. 1927, p. 3.

³⁵ JUVENTUDE Proletária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 389, 24 mai. 1927, p. 4. Grifos do original.

- 6 - Férias pagas de 4 semanas por ano.
- 7 - Proibição do trabalho de noite e do trabalho dominical.
- 8 - Proibição do emprego de jovens em empresas perigosas para a saúde (ramos especiais da indústria química, vidraçarias, trabalho subterrâneo nas minas).
- 9 - Educação profissional obrigatória e gratuita até 18 anos.
- 10 - Incorporação das horas de escola no dia de trabalho; sua remuneração como tais.
- 11 - Instrumentos de trabalho gratuitos.
- 12 - a) Conselhos de operários com direito a participar na elaboração do plano de estudo e da administração da escola. b) Proteção dos aprendizes.
- 13 - Proibição dos castigos por decretos rigorosos sobre o direito de ter aprendizes.
- 14 - Abolição dos contratos de aprendizagem individuais, contratos coletivos incluindo os aprendizes.
- 15 - Controle do emprego dos aprendizes pelos sindicatos e os Conselhos de Usina.
- 16 - Aprendizagem de dois anos.

O seu exame evidencia com muita ênfase que tais reivindicações centravam-se quase essencialmente no âmbito do trabalho urbano. Mesmo no caso daquelas poucas que se referiam à educação (9 a 12), o trabalho mantinha nelas a sua centralidade. Chama a atenção aqui principalmente a ausência neste rol daquelas reivindicações referentes ao serviço militar, objeto da longa série sobre o militarismo publicada até então nas páginas de *A Nação*.

A estas reivindicações seguia um texto de Leônicio Basbaum em que se enfatizava o crescente emprego de mão-de-obra juvenil por parte das empresas, o que fazia com que os jovens oferecessem o seu trabalho por um preço mais barato e roubassem “involuntariamente ao mais velho, desvalorizando o braço trabalhador”. Além disso, as precárias condições de trabalho acabam transformando o jovem trabalhador em um adulto sem saúde e enfraquecido mentalmente, incapaz de reagir e “apático a qualquer movimento de resistência contra a ganância capitalista”. Basbaum concluiu seu texto enfatizando que seria somente através da organização dos jovens, do “proletariado de amanhã”, que se poderia mudar aquele quadro: “É pois vosso

dever instruir-vos, e organizar-vos em sindicatos de indústria para aprenderdes a enrijecer desde já o vosso instinto revolucionário e o vosso caráter de combatente!”³⁶

Na coluna da semana seguinte, “Juventude Proletária” publica uma saudação de alguém que se assina “um jovem operário”.³⁷ Nela, além de enfatizar a importância da seção para trazer as reivindicações da juventude e um instrumento para sua organização em torno da Juventude Comunista, o autor faz um apelo para que também os jovens assegurem a continuidade da publicação de *A Nação*.

À saudação segue-se um texto de Arthur Basbaum³⁸, irmão de Leôncio. Nele, a partir de uma notícia sobre uma bárbara agressão de um contramestre (adulto), que jogara vidro derretido sobre um jovem trabalhador de nove anos em uma fábrica de vidros de Niterói porque este dormira durante o trabalho, o autor reiterava, para fazer frente a episódios como estes, a necessidade de organização da juventude nos sindicatos e na Juventude Comunista.

Por fim, a seção encerrava-se com o anúncio, como resultado da última reunião da Comissão Executiva da Juventude Comunista (ocorrida no dia 24 de maio), da realização, no final de junho, de uma “Semana da Juventude Operária”, cuja programação prometia-se para breve:

Dada a importância que representa para o nosso nascente movimento juvenil o despertar da Juventude Operária escravizada do modo mais cruel e bárbaro nas fábricas e nos campos, convém que façamos com o maior entusiasmo a propaganda da “Semana da Juventude Operária”. O papel dos organizadores e agit-props de células nesta propaganda é fundamental.

Na terceira semana de existência de “Juventude Proletária” publicou-se na seção um texto em que se comparavam as condições

³⁶ LEÔNICIO, P. Juventude Proletária: o papel da juventude proletária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 389, 24 mai. 1927, p. 4.

³⁷ UM JOVEM operário. Juventude Proletária: à juventude operária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 395, 31 mai. 1927, p. 2.

³⁸ ARTHUR B. Juventude Proletária: a bárbara escravidão da juventude operária nas fábricas. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 395, 31 mai. 1927, p. 2.

de trabalho da juventude brasileira e da soviética. Nele apontavam-se as principais características do trabalho da juventude nas fábricas do Brasil (“horas excessivas, trabalho noturno, empecilho à organização, salários irrisórios, ‘tratamento paternal’”), que eram apresentadas como resultado de dois fatores: a desorganização do proletariado e o sistema capitalista, “dominado pela idéia do lucro”. No caso da juventude a solução apontada para tal quadro estaria na organização dos jovens nos seus sindicatos, “onde terá uma educação que lhe corresponda como fração da classe oprimida, e se constituindo em *comitês de fábrica*, treinando na luta diária por melhores condições de trabalho e contribuindo de maneira eficaz para a queda final do capitalismo opressor”.³⁹ A este quadro é contraposto o da Rússia dos Soviéticos, onde se havia realizado a derrubada do capitalismo. Transcrevendo trechos do Código Russo de Trabalho, o texto apresenta conquistas que envolvem o trabalho dos menores de 18 anos, como a proibição de horas extras, a proibição do trabalho noturno, perigoso e insalubre a mulheres e a jovens e conclui com mais um apelo à revolução.

EDUCAÇÃO

Outro texto publicado na terceira aparição da coluna juvenil de *A Nação*, de autoria de Leôncio Basbaum, não tratava da questão da exploração do trabalho juvenil, mas relatava uma experiência de funcionamento de uma escola operária para operários. Certamente o relato foi resultado de uma visita do próprio Basbaum, que, recordemos, voltara de sua missão no Recife de construção dos primeiros núcleos da Juventude Comunista em abril de 1927. A referida escola, localizada em Pernambuco, chamava-se Liceu Operário de Fernandinho, e abrigava sob suas paredes 60 alunos, entre oito e 14 anos. Localizada na periferia de Recife, habitada por operários e próxima a manguezais, a escola basicamente era “um casebre com uma única dependência, pequena e com algumas portas e janelas,

³⁹ JUVENTUDE Proletária: a Juventude Proletária na Rússia e nos países capitalistas. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 400, 6 jun. 1927, p. 2 (grifos do original).

e coberta de folhas de coqueiros”.⁴⁰ Era mantida com recursos da própria comunidade, que custeavam a manutenção da casa e a compra de material escolar usado, sendo que o professor dava suas aulas gratuitamente. O dirigente da Juventude Comunista chamava a atenção dos leitores de *A Nação* para o fato de que os jovens alunos daquela escola não acreditavam “em Deus nem em pátria, para a felicidade de toda a humanidade sofredora [...]. Nada de hinos nacionais ou cantos patrióticos”; no início ou no final das aulas cantavam “A Internacional” ou o “Canto dos Trabalhadores”.

Este relato abria as portas, no âmbito do trabalho exercido pelas Juventudes Comunistas em outros países, para a questão da formação dos trabalhadores, atividade em que, na divisão de trabalho entre adultos e jovens comunistas, cabia a estes atuar. Pouco antes já houvera uma iniciativa de realização de cursos para militantes, alguns dos quais eram ministrados por membros da Juventude Comunista. No dia 12 de maio *A Nação* publicou um texto que, além de informar que o PCB estava organizando “cursos especiais para a educação dos operários e operárias do Distrito Federal e Niterói”, transcrevia o programa de um curso elaborado pela Internacional Comunista. Este curso tinha nove temas: capitalismo, teoria do imperialismo, força motrizes de transição do capitalismo para o comunismo, movimento de emancipação nas colônias, contradições internas do capitalismo, teoria da revolução, ditadura do proletariado, estratégia e tática da revolução proletária e organização da Internacional Comunista e dos partidos nacionais. Cada um destes temas vinha acompanhado de indicações bibliográficas. Além de textos que já eram e continuaram usuais em tais atividades, como o *Manifesto comunista* de Marx e Engels, outras obras de Marx e vários textos de Lenin, encontramos referidos neste curso textos de Trotsky, Stalin, Varga e várias resoluções e informes da Internacional Comunista.⁴¹

Dias depois, os detalhes do anunciado curso são apresentados. Obviamente de proporções mais modestas que o

⁴⁰ LEÔNICIO B. Uma escola operária em Pernambuco. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 400,68 jun. 1927, p. 2.

⁴¹ PARA A EDUCAÇÃO dos operários e operárias: cursos marxista-leninistas. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 379, 12 mai. 1927, p. 2.

da Internacional Comunista, o curso do PCB era dividido em elementar e médio. O curso de nível elementar era ministrado em três partes. A primeira, que ocorria às terças-feiras, tinha como professores Leôncio Basbaum (para os trabalhadores tecelões da fábrica Aliança, no bairro das Laranjeiras) e P. Bastos (em Del Castilho) e sua estrutura era montada em torno de apenas um livro, o *ABC do Comunismo*, de N. Bukharin. A segunda parte era realizada às quintas-feiras, em Sapopemba, em torno das teses do Congresso Sindical de fundação da Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro, e ministrada por T. Martins. E, por fim, a última parte era realizada aos domingos, na sede de *A Nação*, e dedicada exclusivamente aos aderentes e simpatizantes da Juventude Comunista sem, no entanto, indicação de tema. Já os cursos de nível médio dividiam-se em duas partes. A primeira delas, que ocorria às segundas-feiras, tinha como professores S. Americano (em Niterói) e o dirigente da Juventude Comunista Manoel Karacik (na Rua Acre), e adotava como leitura principal o livro de Octavio Brandão, *Agrarismo e Industrialismo*. A segunda parte era ministrada pelo advogado Wenceslau Escobar de Azambuja às terças-feiras, na Rua Visconde de Itaúna, e tinha como obra de referência o livro a *História do P.C. russo*, de Zinoviev. No mês seguinte a programação sofreu alguns acréscimos, fundamentalmente nos cursos médios. Um curso em torno do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, realizado na Rua Frei Caneca às terças-feiras e dedicado aos gráficos e trabalhadores da indústria mobiliária e outro em torno de *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, de Lenin, ministrado na sede de *A Nação*, além da mudança de grau de elementar para médio dos cursos dedicados aos simpatizantes e aderentes da Juventude Comunista e aos militantes sindicais sobre as teses do Congresso Sindical eram as novidades. Nesta nota em nenhum desses cursos se informava os nomes dos professores responsáveis.⁴²

As informações dos cursos terminavam com um apelo para que os estudantes fossem pontuais e neles se aplicassem. Já para os professores as orientações eram mais extensas e expunham os objetivos e métodos empregados nos cursos, razão pela qual vale a penas citá-las aqui:

⁴² PARA EDUCAÇÃO dos trabalhadores: compareçam aos cursos!. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 406, 13 jun. 1927, p. 2.

É preciso que os encarregados dos cursos sejam pontuais. Trabalhem com método. Tornem a lição interessante para os alunos.

Façam perguntas constantes aos mesmos. Façam-nos repetir com as próprias palavras o que acabaram de ouvir. Transformem a lição numa espécie de sabatina.

É preciso que cada aluno se transforme num expositor metódico. As lições não devem ter um caráter abstrato; devem estar ligadas às questões do movimento nacional e internacional; para isto, quando houver oportunidade, o encarregado, como uma aranha hábil, tirará um fio da questão que estiver lecionando e ligá-lo-á às grandes questões gerais, concretas, da atualidade. Os cursos começarão até com 2 alunos. O final de cada lição deve ser dedicado à *A Nação* (interrogar os alunos sobre os artigos mais interessantes, sobre as falhas, sobre a situação econômica do jornal e os meios de melhorá-la).⁴³

Na semana seguinte de junho de 1927 a coluna “Juventude Proletária” deixou de sair no dia da semana em que originalmente era publicada (segunda-feira). Nesse dia, no entanto, publicou-se mais uma vez um texto sobre a situação da juventude operária na União Soviética. Em uma parte do texto traduziu-se um trecho do livro de um dirigente da IJC, o alemão Bernhard Ziegler (mais conhecido pelo pseudônimo de Alfred Kurella), dedicado à questão do trabalho juvenil na URSS, ressaltando conquistas da juventude soviética:

Nossas três reivindicações principais, na ordem geral, são já realizadas em grande parte. Vejamos:

A juventude operária participa nas formas mais desenvolvidas de produção. As escolas de usinas, que na hora atual passam em toda a Rússia o número de 950 e englobam mais de 75.000 jovens operários e operárias,

⁴³ PARA A EDUCAÇÃO dos trabalhadores: compareçamos ao curso!. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 382, 16 mai. 1927, p. 3. A mesma nota foi repetida nas edições de 19 e 23 de maio de 1927, às páginas 2 e 4, respectivamente. Curiosamente, apenas ao final da primeira inserção desta programação, havia uma mensagem não assinada para outros professores (Fernando, Pedro, Paulo, Vargas, Ogal [provavelmente pseudônimo de Octaviano Du Pin Galvão], Odilon), pedindo contato para “combinar logo o dia”.

são as primeiras escolas de usinas no mundo inteiro neste domínio. O pobre Estado Soviético já ultrapassou em muito os ricos Estados capitalistas.

A maior parte dos jovens operários trabalha, isto é, se instrui, nas empresas mais desenvolvidas.

O trabalho de toda a juventude, sem nenhuma exceção, é organizado no ponto de vista da educação.

Não há puro trabalho para a juventude abaixo de 18 anos.⁴⁴

Todavia, “Juventude Proletária” não deixou de ser publicada naquela semana, pois dois dias depois a coluna aparecia trazendo um texto sobre as condições de trabalho de mais de 150 jovens na Cervejaria Brahma, submetidos a espancamentos, jornadas diárias de 9 horas, baixos salários; cerca de 100 deles trabalhava na seção de engarrafamento sem qualquer proteção.⁴⁵ Trazia, ainda, uma carta assinada por “Um jovem operário” de Sertãozinho (interior de São Paulo), com um apelo para que os jovens ingressassem na Juventude Comunista.

Na semana seguinte a coluna deixa de ser publicada, provavelmente pelo envolvimento de seus redatores na organização da Semana da Juventude Proletária, que aconteceria de 27 de junho a 3 de julho de 1927.

O ESPORTE

De todo o modo a questão da juventude foi tratada naquela semana em uma matéria dedicada ao esporte⁴⁶, vínculo que pela primeira vez se estabelecia nas páginas de *A Nação*, ainda que, especificamente nesta ocasião, de modo ainda tênue.

Desde seu primeiro número, o diário comunista vinha publicando uma coluna dedicada ao esporte, de nome “Desportos”. Nela, o espaço era dedicado principalmente ao

⁴⁴ A SITUAÇÃO da Juventude Proletária na Rússia Soviética. *A Nação*. Rio de Janeiro, 13 jun. 1927, p. 2 (grifos do original).

⁴⁵ JUVENTUDE PROLETÁRIA: na Companhia Cervejaria Brahma. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 408, 15 jun. 1927, p. 3.

⁴⁶ O SPORT e o proletariado. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 415, 23 jun. 1927, p. 3.

futebol, ao remo, ao atletismo, à natação, ao polo aquático, à peteca, ao boxe e, curiosamente, ao turfe. Em geral, eram publicados resultados das competições desses esportes; também havia em “Desportos” uma parte dedicada a tratar de questões relativas a estes esportes, comentários estes que se pautavam de modo geral pela defesa do esporte amador em contraposição à sua profissionalização, em especial no futebol:

A organização absurda do esporte, entre nós, não pode deixar de dar em resultado isso que se está vendo por toda a parte: a paralisação do desenvolvimento do verdadeiro esporte, prejudicado pela germinação de núcleos de atletas que, no exagero de uma especialização, perdem aos poucos o caráter que lhes devia ser precípua — o de amadores.

A par disso, a utópica organização democrática do esporte nacional entrava o desenvolvimento do esportismo proletário, porque só as entidades ditas oficiais vivem com recursos, e dentre elas só os grandes clubes. Os demais pagam para a música. Impõe-se a separação dos burgueses dos proletários. Mesmo nos domínios esportivos e por que não neles, proletários, uni-vos! [...]

Não se contam, principalmente no futebol, o número de obreiros que, tentados pelas promessas falazes dos homens dos grandes clubes, em se querendo aproveitar das suas ótimas qualidade de *players*, se deixam arrastar, tirando o seu honrado meio de vida pelos pseudo-empregos lucrativos, que os transformam em indivíduos verdadeiramente parasitários. Isso tudo é que é preciso acabar no esporte, porque não é esporte.

Contra isso tudo e contra tudo o mais que aberrar dos são princípios esportivos, é que nos havemos de bater com todas as forças.

O esporte é também a luta de classes!⁴⁷

A *Nação* promoveu um festival esportivo de natação na enseada de Botafogo, realizado no dia 13 de fevereiro de 1927. Dirigido a “operários, soldados, marinheiros, choferes, barbeiros, tipógrafos, gente do povo”, nele chegou a ser oferecida uma taça de nome “Partido Comunista”, conquistada por Affonso Caruso,

⁴⁷ DESPORTOS. ‘A Nação’ sportiva. *A Nação*. Rio de Janeiro, n° 271, 4 jan. 1927, p. 4.

filiado ao Sindicato de Operários de Saltos para Calçados, numa competição de 100 metros de nado livre. Este e os demais prêmios foram entregues em um festival em benefício de *A Nação*, realizado no dia 12 de março, na sede do Centro Cosmopolita.⁴⁸

Na mencionada matéria de 23 de junho de 1927, para os comunistas o esporte era apresentado como uma questão de lazer e de exercício físico:

O esporte, ao ar livre, como distração e como exercício físico, é uma necessidade, principalmente para o proletariado. O jovem que trabalha toda uma semana em fábricas abafadas e escuras, de ar confinado, estragando os pulmões e intoxicando todo o organismo, deve ver no esporte um meio de combater essa depressão física, respirando o ar puro dos campos.⁴⁹

Mas também se enfatizava a questão de classe ao afirmar especificamente do futebol, que os jovens se inscreviam para praticar o esporte em clubes que os comunistas classificavam de burgueses, o que implicava, de acordo com o seu ponto de vista, deixar de lado o aspecto do lazer, “tomando muitas vezes orientação partidária, o que degenera a sua verdadeira significação”. Para tanto, o texto propunha que os clubes pobres dos subúrbios fossem agrupados em uma “Liga essencialmente proletária”, separando-os “da sua classe inimiga, a burguesia”. Como exemplo, ilustrado inclusive por uma grande foto, mostrava um grupo de jovens trabalhadores de Sertãozinho, no Estado de São Paulo, que formaram um clube proletário naquela cidade, iniciativa esta que mereceu as felicitações do diário comunista.

Esta relação ainda imprecisa entre a ação da Juventude Comunista e o esporte foi clarificada mais adiante. Em sua publicação de 14 de julho de 1927 a coluna “Juventude Proletária”,

⁴⁸ DESPORTOS. Os grandes concursos populares de natação de ‘A Nação’. Alcançou êxito o nosso primeiro certame esportivo. Affonso Caruso venceu as taças ‘Partido Comunista’ e ‘Empregados do Copacabana Hotel’. O resultado geral das provas. *A Nação*. Rio de Janeiro, 14 fev. 1927, p. 4; O festival de sábado foi um esplêndido sucesso. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 328, 14 mar. 1927, p. 2. Nesta última matéria não deixa de chamar atenção a queixa pela demora da sessão, formulada de forma irônica através do lamento pelos efeitos do excessivo calor.

⁴⁹ Id., *Ibid.*

sob o título de “Agora começemos”, tratava-se pela primeira vez de modo mais específico da importância do papel da juventude no sentido da constituição do chamado esporte proletário. O esporte era aí apresentado como tendo duas funções. A primeira nele via uma forma de lazer e a segunda o percebia como uma forma de exercitar-se “para poder resistir ao trabalho e a lutar contra a opressão”. Sob este segundo enfoque, no entanto, a excessiva jornada de trabalho não permitia a concretização de seu objetivo:

Mas a burguesia não lhes dá tempo: trabalho e só trabalho. E os jovens operários são obrigados a, durante a meia hora de almoço, almoçar às pressas para terem 10 a 15 minutos de futebol, jogado com bola de pano pequena e de pés descalços, resultando dali saírem feridos e cansados e em vez de lucrarem com esse exercício, muito ao contrário, só fazem perder.

De tal quadro derivava a conclusão de que a questão do lazer também era prejudicada. Isto se dava pela ausência de organizações operárias que organizassem os clubes nos quais a juventude poderia exercitar-se e divertir-se:

E por que isso? Porque não existem organizações operárias que organizassem metodicamente os clubes.
Existem sim! – dirão.
Sim, existem, mas são clubes burgueses que, além de roubarem uma boa parte do salário já pequeno da juventude, ainda vão deturpar-lhes a mentalidade, tirando-lhes a idéia de um grande dever: organizar-se contra a burguesia.
O que nós precisamos não é de qualquer clube, nós precisamos de clubes proletários, que, sem nos explorar com mensalidades ou joias, nos proporcione exercícios e divertimento a par da explicação de nossa situação e nosso papel na sociedade atual.⁵⁰

⁵⁰ AGORA começemos! *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 433, 14 jul. 1927, p. 2.

Citando o exemplo da Argentina, e referindo-se a um clube existente em Sertãozinho (no Estado de São Paulo)⁵¹, o texto conclui afirmando que apenas com a organização da juventude é que ela poderia conquistar “tempo e clubes para as nossas necessidades físicas e intelectuais”. Para tanto, informava que a Juventude Comunista havia encarregado um de seus membros para a organização do esporte e pedia o apoio dos demais militantes para esta iniciativa. Quinze dias mais tarde, em 30 de julho, *A Nação* noticiava a fundação, ocorrida na véspera, do Sport Club Juventude Operária, formado por jovens da Fábrica de Tecidos Aliança, no Rio de Janeiro, e pedia aos jovens que seguissem o seu exemplo.⁵²

A SEMANA DA JUVENTUDE PROLETÁRIA

A Nação, ao enfatizar a importância da realização da Semana da Juventude Proletária pela primeira vez no Brasil, depois de mostrar o sucesso de sua realização em outros países (na América Latina e na Europa já se havia realizado entre 15 e 22 de maio de 1927), manifestava a expectativa de que a sua realização marcasse o despertar da juventude brasileira e a orientava:

Que devemos fazer, principalmente, nesta semana? – Propaganda pela organização! – Os jovens trabalhadores já orientados, devem orientar os seus camaradas! Os operários conscientes devem ensinar e educar os seus filhos e irmãos mais moços! Não deixar que as escolas burguesas desviem o sentimento de classe dos jovens!

⁵¹ Pouco antes da publicação deste texto, como vimos, *A Nação* havia estampado uma matéria em suas páginas, ilustrada com uma foto, sobre a questão do esporte e nela se referia a este clube operário de Sertãozinho (Cf. O SPORT e o proletariado. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 415, 23 jun. 1927, p. 3.). Embora aqui e ali houvesse referências a jovens, este texto tinha o seu foco na questão do lazer para os trabalhadores, ao contrário do vemos neste texto de 14 de julho, onde a vínculo entre esporte e juventude é diretamente estabelecido e também o da institucionalização do tema no âmbito da Juventude Comunista por meio da indicação de um responsável pelo assunto.

⁵² SPORT Proletário: o ‘Sport Club Juventude Operária’. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 30 jul. 1927, p. 3.

Enfim, trabalhar por todos os meios, pelos jovens operários. Durante esta semana, todas as atividades devem ser para essa propaganda! Todos os trabalhadores, comunistas ou não, todos os intelectuais simpatizantes, professores de escolas operárias, por dever de consciência, nesta semana de 27 a 3 de julho, devem fazer o possível pela educação proletária dos jovens operários!⁵³

Ao longo daquela semana publicaram-se vários textos tratando da questão da juventude. O primeiro deles, provavelmente de autoria de Octavio Brandão, enfatizava a importância da organização dos jovens nas fileiras da Juventude Comunista e desta nas fábricas.⁵⁴ No dia seguinte o tema central do artigo foi a questão da educação. Neste texto afirmava-se que a juventude, além da luta contra a opressão e a exploração no trabalho, deveria enfrentar o envenenamento do cérebro pelo ensino da ideologia religiosa, militarista e patriótica. Para tanto,

O proletariado do mundo inteiro já vai compreendendo a necessidade de neutralizar e vencer esta atividade burguesa, criando suas próprias organizações de educação da juventude operária, ensinando-lhe a sua própria ideologia, ideologia revolucionária, de emancipação completa do proletariado – ao mesmo tempo em que vai desmascarando toda a mentirosa ideologia criada pela burguesia para a opressão do proletariado.⁵⁵

O texto publicado no dia seguinte tratou da importância da luta da juventude para a efetivação de mudanças sociais. Iniciado com a afirmativa de que o capitalismo tem como centro a necessidade do lucro da propriedade privada, o texto ressalta a maneira encontrada pelos capitalistas para maximizá-lo mais ainda: diminuir o peso dos salários através da utilização dos

⁵³ COMEÇA hoje a semana da Juventude Proletária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 418, 27 jun. 1927, p. 1.

⁵⁴ BRAUNA, B. [possivelmente pseudônimo de Octavio Brandão]. AOS JOVENS comunistas. Em resposta à reação, organizemos a juventude operária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 419, 28 jun. 1927, p. 2.

⁵⁵ SEMANA da Juventude Proletária. A educação da Juventude Operária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 420, 29 jun. 1927, p. 2.

jovens na produção, fazendo com que seu trabalho fosse comprado por um preço menor que o dos adultos. Tal operação era encoberta com o formato da “aprendizagem”, a qual, de fato, não teria o caráter de educação da juventude, mas de ataque aos direitos do trabalhador adulto, já que os jovens tinham uma carga horária de trabalho do mesmo tamanho da de um adulto e não lhes eram concedidas férias. A estes fatores juntavam-se a falta de uma metódica iniciação dos jovens nas modernas técnicas produtivas, a ausência de um tratamento diferenciado dos jovens em razão de seu “desenvolvimento físico e moral inferior ao dos adultos” e, por fim, a falta de uma educação formal, que resultava da ausência de tempo para frequentar a escola. Para fazer frente a este quadro, a alternativa apontada pelo diário comunista era a revolução proletária, que conduziria à socialização do trabalho da juventude nos meios de produção:

Com a socialização do trabalho da Juventude Operária, eis quais são os nossos objetivos:

1º - Fazer participar a juventude nas formas de produção mais desenvolvidas atualmente. Mas nesta participação devemos atender a duas necessidades elementares da juventude: ser instruída, ser protegida por causa de sua fraqueza.

2º - Reorganizar a participação da juventude no trabalho produtivo industrial, no ponto de vista de educação e não de exploração, característico do capitalismo.

3º - Reorganizar a participação da juventude no trabalho produtivo industrial de maneira a não lhes prejudicar a saúde mais fraca.⁵⁶

O texto finalizava com a afirmativa de que os jovens já haviam conquistado tais reivindicações da URSS e que cabia à juventude brasileira lutar por elas doravante.

No dia seguinte um texto de primeira página, ilustrada com uma imagem tomada de um periódico francês não identificado, reiterava a questão da importância da organização da juventude brasileira para fazer frente à diminuição dos salários, ao aumento

⁵⁶ SEMANA da Juventude Operária: a juventude proletária e a revolução socia. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 421, 30 jun. 1927, p. 2.

da jornada de trabalho, ao militarismo burguês e às ameaças de guerra contra a URSS.⁵⁷

Às vésperas da sessão solene de encerramento da Semana da Juventude Proletária, o diário comunista publicou, além de um convite ao ato, mais um apelo de adesão à Juventude Comunista. Embora dirigido a operários, camponeses e empregados, como sempre a discussão do texto permaneceu no campo do trabalho industrial. Aos usuais argumentos de luta por melhorias salariais e de condições de trabalho, combate este, enfatizava o texto, que não se dissociava do da classe operária como um todo, juntou-se um novo elemento que até então não havia sido tratado através das páginas de *A Nação*: o da interface do lazer combinada com o da luta. Essa nova combinação é enunciada através da proposição da realização de uma série de atividades:

Nós sabemos que tu és jovem e gostas de rir. A labuta diária não te impede de te divertires, nós pensamos que a própria diversão é também uma forma de luta contra o capitalismo, quando nós lhe damos um caráter proletário. Breve iniciaremos uma época de festas, piqueniques, teatrosinhos, onde de um modo prático e brando nós te iremos ensinando a luta das classes e a tua participação nela.⁵⁸

Ao final da Semana da Juventude Operária, no dia 3 de julho de 1927, foi realizada uma sessão pública, na Rua Frei Caneca nº 4 (esquina da Praça da República), na sede da União dos Trabalhadores Gráficos do Rio de Janeiro, para a qual foram convidados pelo diário comunista “todos os jovens operários e igualmente os adultos [...] [e] também que levem a esta seção os amiguinhos e irmãozinhos”⁵⁹, com a seguinte ordem do dia:

⁵⁷ SEMANA da Juventude Proletária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 422, 1 jul. 1927, p. 1 e 4.

⁵⁸ JOVEM operário, jovem camponês, é tempo de aderir à Juventude Comunista. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 423, 4 jul. 1927, p. 4.

⁵⁹ SEMANA da Juventude Proletária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 419, 28 jun. 1927, p. 2.

- A Internacional cantada por todos os presentes.
- Saudação aos jovens, pelo camarada Altamiro.
- O trabalho da juventude no regime capitalista, pelo camarada Manoel [Karacik].
- Importância da juventude operária e a sua organização, pelo camarada Leôncio [Basbaum].
- Falará o camarada Octavio Brandão sobre - O papel dos jovens no movimento operário.⁶⁰

A matéria publicada sobre a sessão solene⁶¹, que esteve cheia “não só de jovens operários, como de operários adultos”, fez uma síntese da reunião e ressaltou apenas dois aspectos. O primeiro foi a fala de Paulo de Lacerda, que substituiu Octavio Brandão no encerramento. Esse destaque deveu-se ao fato de o dirigente do PCB ter transmitido à audiência uma mensagem de solidariedade e de sucesso enviada por um pioneiro (jovem comunista menor de 14 anos) da Rússia aos jovens brasileiros, por ocasião da passagem de Lacerda em Moscou. O outro ponto detalhado na nota foi a apresentação de uma moção da Conferência Regional da Juventude Comunista do Rio de Janeiro, ocorrida em 19 de junho. Tratava-se, na verdade de quatro moções fundidas em uma só e que protestavam contra a burguesia por explorar a juventude, contra as deportações que vitimavam vários militantes comunistas naquele momento e contra a chamada “Lei Celerada” que tramitava no Congresso Nacional e que atacava diretamente as organizações dos trabalhadores.⁶² Além disso, ao final da matéria sobre a sessão solene, prometia-se uma nova atividade para o mês de agosto: a Jornada Internacional dos Jovens, mas da qual não temos notícias de sua realização.

Esta intensa atividade tornou um fato a existência da Juventude Comunista. Leôncio Basbaum, em suas memórias,

⁶⁰ JOVEM operário, jovem camponês, é tempo de aderir à Juventude Comunista. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 423, 2 jul. 1927, p. 4.

⁶¹ SEMANA da Juventude Operária: a sessão solene realizada para encerramento da Semana. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 425, 3 jul. 1927, p. 4.

⁶² Estas moções, ao contrário do que informava o texto sobre a sessão solene, foram publicadas na edição anterior do diário comunista (ABAIXO as leis retrógradadas! Moções de protesto aprovadas nas organizações do Partido da Juventude. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 423, 2 jul. 1927, p. 2).

indica que ela teria ocorrido no dia 1º de Agosto de 1927, que marcou também as comemorações do Dia Internacional da Juventude e, ao mesmo tempo, Dia Internacional da Luta contra a Guerra. A reunião teria ocorrido na sede da União dos Trabalhadores Gráficos do Rio de Janeiro e escolheu a nova direção, composta de oito integrantes: cinco operários e três estudantes universitários. No entanto, no exame da coleção de *A Nação* não há nenhuma referência ao fato, que certamente teria ali sido noticiado, pois seu último número datava de 11 de agosto. Na verdade, o que se encontrou nas páginas do diário comunista foi a referência ao ato público de 3 de julho de 1927, realizado no mesmo local indicado por Basbaum: a sede da União dos Trabalhadores Gráficos do Rio de Janeiro. Lá, como se recorda, se encerrou a Semana da Juventude Proletária, que ocorreu no Brasil pouco mais de um mês após a realização do mesmo evento em escala internacional. Confusão de Basbaum? É possível, pois ao correr das páginas de *A Nação*, antes de qualquer uma das datas, seja 3 de julho ou 1º de agosto, apareciam com grande frequência pequenas notas convocando os militantes para reuniões da Juventude Comunista, o que indica a sua existência nesta ocasião. Ou, então, a criação de um fato conveniente com uma data adequada? Também é uma hipótese a ser considerada, pois Basbaum se queixou, durante o V Congresso da IJC, do fato de receber informações para a realização de eventos com indicações de data errada e ali citou a “Semana dos Jovens Trabalhadores”. Ou, ainda, pode ser que a reunião de 3 de julho tenha sido a primeira aparição pública da Juventude Comunista e não a sua fundação, cuja data, ao menos até o momento, não se pode estabelecer com precisão.

O aspecto mais destacado da sessão solene foi o longo pronunciamento de Leôncio Basbaum, o qual foi publicado em quatro partes em *A Nação*.⁶³ O dirigente da Juventude Comunista

⁶³ A fala de Basbaum foi publicada nas páginas de *A Nação*, em suas edições de 7, 8, 9 e 11 de julho de 1927, sob o título SEMANA da Juventude Operária: a oração pronunciada pelo camarada Leôncio na sessão de encerramento sobre a importância e o papel da Juventude Operária. Por um erro tipográfico as duas últimas partes saíram sob o título CONTRA-PROJETO de estatutos da U. dos Operários em Fábricas de Tecidos.

do Brasil enfocou a exploração e as violências às quais eram submetidos os jovens operários brasileiros pela burguesia brasileira, seguindo-se o pronunciamento a enfatizar as sequelas disso tanto na saúde física dos jovens como sobre sua educação e comparando com o que ocorria naquele instante na União Soviética. De certo modo era a síntese do que até então tinha se visto sobre o tema juventude através dos numerosos textos publicados nas páginas de *A Nação*. Além disso, a intervenção de Basbaum tratou de novos aspectos. As novidades ficam por conta da identificação de instituições que foram apresentadas como tendo a função de cercear e inibir o desenvolvimento da juventude fora do âmbito do mundo do trabalho. Fundamentalmente até ali havia apenas se tratado da questão da vida cotidiana do jovem circunscrita às suas relações, com sua família, com o trabalho. Pela primeira vez, os jovens comunistas brasileiros criticavam a Igreja Católica por instigar o conformismo entre os jovens. Conexo à Igreja, outro objeto de crítica é o escotismo, por infundir “as mesmas mentiras de pátria e de religião”. Outro alvo novel são os clubes de futebol, que fariam com que a juventude se perdesse em um “mar de mentiras e ilusões”. A estas instituições se junta a questão do extenso grau de analfabetismo que campeava então entre a juventude, fazendo com que o Brasil fosse classificado por Basbaum como a “vanguarda do analfabetismo”. Por fim, aos maléficos efeitos destas instituições, Basbaum soma as revistas para meninos (são nominadas *Tico-Tico*, *Revista Infantil* e as seções para crianças dos jornais burgueses). Para fazer frente a este quadro, o principal dirigente da Juventude Comunista do Brasil apresenta como alternativa a estruturação de uma série de organizações:

Para combater as mentiras das escolas burguesas, fundar escolas proletárias — Contra o escotismo burguês — as legiões de meninos revolucionários, as legiões dos pioneiros e dos jovens que nas grandes datas revolucionárias percorrem atualmente as ruas das cidades da Europa, em demonstração de força! Contra os clubes burgueses, contra o esporte burguês, fundemos clubes recreativos essencialmente proletários — dando-lhes orientação revolucionária — contra as revistas infantis burguesas, revistas proletárias. [...] Eis, pois o nosso trabalho — fundar agremiações infantis e juvenis permanentes puramente proletárias, agremiações de toda

a natureza, como sejam: bibliotecas — escolas — clubes esportivos etc.⁶⁴

Embora em grande parte dele o foco do pronunciamento de Leôncio Basbaum tenha permanecido na questão do trabalho e nas cidades, que tem aqui manifesta sua centralidade na curiosa ideia da estruturação de uma Confederação Nacional de jovens operários, as questões acima apontavam para a constituição de um conjunto de preocupações que remetiam ao cotidiano da juventude daquele tempo e que valorizavam a questão da cultura em sua mais ampla expressão.

A coluna “Juventude Proletária” reapareceu na edição de 14 de julho. Nela, repetindo o tom geral do discurso de Leôncio Basbaum, enfatizava-se, na primeira parte do texto, a importância da organização da juventude e recomendava-se expressamente que os artigos publicados na “Juventude Proletária” fossem lidos nas reuniões de células. Na segunda parte deste artigo, como vimos acima, tratava-se do papel da juventude no sentido da constituição do chamado esporte proletário.

Na semana seguinte, em duas ocasiões, publicaram-se textos referentes à importância da questão da educação para a juventude. O primeiro deles, de autoria de Leôncio Basbaum, depois de discorrer sobre a baixa qualidade do ensino ofertado às camadas mais pobres da população, reitera a importância, já destacada anteriormente, de propiciar uma “educação proletária” à juventude como contraste à “educação burguesa”, e salienta iniciativas como a Escola Operária de Fernandinho, em Pernambuco.⁶⁵ O outro texto, extraído de um informe dado por Lazar Shatskin no III Congresso da IJC, ocorrido em 1922, serve de contraponto ao relato da experiência brasileira, mostrando a postura da União Soviética em referência à questão da educação. O dirigente da IJC estabelecia que a educação estava na luta e que, portanto, as experiências da luta prática deveriam ser utilizadas no trabalho teórico de educação. De tal premissa,

⁶⁴ CONTRA-PROJETO de Estatutos da U. dos Operários em Fábricas de Tecidos [sic]. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 429, 9 jul. 1927, p. 2.

⁶⁵ L. B. EDUCAÇÃO do proletariado. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 436, 18 jul. 1927, p. 2.

Shatskin discute as relações entre educação geral e educação política e estabelece, para aquele momento histórico, a predominância da segunda sobre a primeira. Ele ressalva que, triunfando a revolução, a educação geral seria feita “largamente”:

Nós empregamos a literatura, a música revolucionária, os cantos e hinos do proletariado, apresentamos romances e poesias revolucionárias e fazemos os jovens operários conhecer a história da Revolução. Estender-se mais quando a tarefa impõe a educação política seria contraproducente. Quanto ao segundo critério nosso, no trabalho da educação geral é a luta contra a ideologia burguesa. [...] É preciso, por exemplo, combater a religião. Destruir o pernicioso mito de que Deus criou o mundo e explicar mais racionalmente por meio das ciências naturais como o mundo apareceu na realidade.⁶⁶

Nesta mesma semana, a coluna “Juventude Proletária” é novamente publicada, desta vez dirigida à juventude de Mato Grosso. O texto, ao contrário dos que até aqui haviam sido publicados, não tinha como preocupação uma questão específica da juventude, mas sim possuía como foco a campanha desencadeada pelos comunistas contra a aprovação da “Lei Celerada” e o seu relator, o deputado mato-grossense Annibal Toledo⁶⁷. Nesta mesma edição, *A Nação* publicou outro texto lançando mais uma vez um apelo à organização da juventude, e que em nada diferia do que havia anteriormente havia sido publicado neste estilo⁶⁸.

Permanecendo no campo da educação e do esporte, a nova aparição de “Juventude Proletária”, em 22 de julho, reiterou o que até então muito vinha se enfatizando desde o final da Semana da Juventude Proletária:

Unindo-nos e formando clubes onde o esporte seja praticado proletariamente e cuja direção, também proletária, aproveite todas as reuniões e ocasiões para

⁶⁶ SCHATKINET [sic]. A educação da juventude proletária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 439, 21 jul. 1927, p. 3.

⁶⁷ JUVENTUDE Proletária. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 440, 22 jul. 1927, p. 4.

⁶⁸ A JUVENTUDE se organiza. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 440, 22 jul. 1927, p. 3.

mostrar aos sócios a situação econômico-política dos jovens operários do Brasil, comparando-a à d'outros países, onde a união operária já se tornou realidade. Ingressando nos sindicatos, criando estas escolas cuja instrução será ministrada sob o ponto de vista proletário, freqüentando-as e fazendo com que os seus camaradas de trabalho as freqüentem, propagando a união dos jovens operários, ingressando e fazendo-os ingressar na Juventude Comunista, única vanguarda consciente do proletariado, enfim, lendo e comentando os artigos da *A Nação*, jornal dos trabalhadores. Viva a Juventude Comunista!⁶⁹

Focando-se na questão da educação, a coluna "Juventude Proletária", em sua última aparição nas páginas de *A Nação*, publicou um texto em que se discutia a necessidade de se criarem escolas nos sindicatos. Cabia a estes, bem como ao Comitê Regional do Rio, buscar os mais bem preparados nas fábricas e nas células para que estes formassem o grupo educativo, ou "delegados de cultura", cuja finalidade, sob a supervisão do CR-RJ, seria encarregar-se da criação dessas escolas e formular os seus programas. Para tanto, propunha-se

Reuniões semanais; conferências, tendo sempre em vista as necessidades das classes; pequenas livrarias circulantes, de 15 a 20 volumes, folhetos, revistas e jornais, discussões sobre incidentes proletários, nacionais e internacionais, etc. [...] Só assim poderemos levar aos jovens operários a capacidade cultural, que muito auxiliará a organização, ponto básico para a vitória do proletariado. A organização da juventude é trabalho para a união de todos os jovens operários, sujeitando-os à mesma disciplina, fazendo-os trabalhar pelos mesmos princípios, com as mesmas mentalidades proletárias e só assim poderemos conquistar os nossos direitos, fulminando esta República de lacaios e bambochatas.⁷⁰

⁶⁹ MARQUES, A. Formemos nossos clubes e nossas escolas. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 441, 22 jul. 1927, p. 2.

⁷⁰ MARQUES, A. Da organização e das escolas sindicais. *A Nação*. Rio de Janeiro, nº 450, 3 ago. 1927, p. 2.

Este último período de atuação da Juventude Comunista, no qual era perceptível a consolidação de atividades e estruturas, deu-se sob a luta dos comunistas e dos opositores ao governo de Washington Luís contra o que veio a ser conhecido como “Lei Celerada”, que tinha como objetivo reprimir ainda mais o movimento organizado dos trabalhadores e foi sancionada no dia 12 de agosto.

Os comunistas preferiram não esperar a entrada em vigor da lei. Sua direção avaliou que não deveria tentar resistir abertamente nas condições daquele momento, sob o risco de provocar o esmagamento do Partido e de todo o trabalho para construí-lo.⁷¹ No dia 11 de agosto, através de um manifesto, o PCB encerrou a publicação de *A Nação*: “Seria quixotada completamente inócua esperar que a polícia venha fechar-nos as portas, violentamente. Preferimos nós mesmos fechá-las — na cara da polícia”.⁷² Neste manifesto os comunistas mostravam que seu jornal, aparecido e desenvolvido em um clima de legalidade, “arma legal para o combate legal”, perdia seu sentido diante da aprovação, por uma “mal disfarçada ditadura burguesa”, de uma lei de exceção, que decretava a morte da Constituição, desmascarando a democracia republicana, pondo a nu a ditadura da classe capitalista. Aos comunistas cabia, naquele instante, o retorno à clandestinidade.

Com o fechamento de *A Nação* encerrava-se um curto período de vida legal do PCB, mas que lhe foi muito frutífero, em termos político-organizativos, como avaliava o manifesto. Além do Bloco Operário e da eleição de Azevedo Lima, nestes pouco mais de sete meses de legalidade, o partido, como organização, pôde expor-se à opinião pública e apresentar-lhe suas propostas, teve um crescimento em termos de número de militantes. No momento da decretação da “Lei Celerada” avaliava-se que o PCB teria cerca de mil aderentes.

Nas últimas semanas de publicação de *A Nação*, a Juventude Comunista, de acordo com as memórias de Leôncio Basbaum, especialmente após a publicação das fichas de inscrição em suas

⁷¹ PEREIRA A. La situación política. *La Correspondencia Sudamericana*. Buenos Aires, nº 4 (2ª Época), 15 set. 1928, p. 11-15.

⁷² ABAIXO a reação imperialista!!! *A Nação*. Rio de Janeiro, 11 ago. 1927, p. 1-3.

páginas, recebeu mais de cem adesões⁷³. A composição etária da Juventude Comunista nessa época era de cerca de 90% de jovens operários, que tinham idades entre 15 e 19 anos e com “todos os graus de cultura, desde semi-analfabetos até estudantes de curso superior, estes em pequena minoria”⁷⁴. Naturalmente, com a intensificação da repressão, após a promulgação da “Lei Celerada”, houve uma “readaptação à clandestinidade” e o número de militantes diminuiu. De todo o modo, nestes quase oito meses de existência de *A Nação* foi proposto aos jovens e ao movimento dos trabalhadores um conjunto de problemas que deixava uma série de indagações, e muitas delas sem resposta durante algum tempo, a respeito da especificidade do papel da juventude no mundo do trabalho, tendo o trabalho, a política e a cultura como componentes de estruturação. Naquele momento, a repressão política desencadeada pelo governo de Washington Luís as retardou, mas doravante elas não puderam ser mais ignoradas.

⁷³ BASBAUM, L. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo, Alfa-Omega, 1976, p. 46.

⁷⁴ BASBAUM, L. Op. cit., p. 46-47.

ANEXO 1

Semana da Juventude Operária: A oração pronunciada pelo camarada Leôncio na sessão de encerramento sobre a Importância e o Papel da Juventude Operária.

LEÔNCIO BASBAUM

Para que os jovens operários de todo o Brasil possam também aproveitar dos ensinamentos que tiveram os companheiros do Rio e de Niterói, resolveu a Juventude Comunista do Brasil publicar as conferências pronunciadas na sessão realizada para encerrar a Semana da Juventude Operária, no domingo último.

Dentre os camaradas que falaram somente alguns tinham suas conferências escritas.

A que hoje começamos a publicar é a do camarada Leôncio, sobre a Importância e o Papel da Juventude Operária.

Nela esse camarada expõe claramente a situação de terrível opressão da Juventude Operária no regime capitalista. Denuncia os estratagemas de que se serve a burguesia para iludir essa juventude.

Por fim, depois de fazer um quadro do estado de sofrimento e fraqueza física e ignorância dos jovens do Brasil e de todo o mundo burguês, para compará-lo ao quadro que se nos apresenta na Rússia, exortou-nos à organização para a instituição de grêmios de cultura física e intelectual de base puramente proletária.

Todos devem ler e passar adiante a conferência que hoje publicamos.

“Camaradas!

Operários e operárias!

Jovens trabalhadores!

Eu vos falo em nome da Juventude Comunista do Brasil, em nome, portanto da vanguarda consciente do movimento revolucionário juvenil.

Atravessamos nesse momento um período delicado na nossa vida de trabalhadores, sem distinção de idade.

A reação se desencadeia: a polícia prende nossos companheiros e inventa conspirações e greves armadas! O governo expulsa trabalhadores estrangeiros pelo fato de não quererem morrer à fome na mão de exploradores estrangeiros também; enquanto no Congresso, nesse ridículo congresso brasileiro, deputados e senadores eleitos pelo povo votam leis de repressão às greves e leis não permitindo a livre associação de trabalhadores!

Já não bastava, camaradas, o sangue, a saúde que nos roubam no nosso trabalho diário, nas fábricas e oficinas?

Já não bastava a escravidão de um regime de sítio eterno? Já não bastava a coleira da reação legal existente, afogando nas prisões o nosso grito de revolta? Não, camaradas! Não bastava! Eles querem mais, muito mais! O burguês vive do nosso sangue, e é preciso sugar, sugar mais... E quando um de nós morrer, não faz mal: ali há outro... Há milhões de trabalhadores no mundo inteiro. Faltou o homem? Lá está a mulher que até ganha menos, aí está o menino, também... Para que precisa o menino de saber ler? Saia da escola. Venha para cá. Precisamos do sangue dele... Assim pensa o burguês. É a sede de sangue... É a ânsia de ganhar cada vez mais!...

E se protestamos? Chicote! Cadeia! Expulsão! Eis o nosso prêmio...

Eis a nova vida atual. Eis a situação de sempre agravada apenas nesse momento!

Camaradas! Do proletariado de hoje no Brasil, principalmente, não me refiro a esses conscientes que militam na vanguarda, mas a este grosso de 30 milhões de pobres! O proletariado de hoje, digo-vos, pouco se pode esperar! Gerações e gerações de escravidão e de misérias fizeram dele um ser apático e indiferente ao movimento social! A ignorância a que o força a burguesia enfraqueceu-lhe a inteligência. A miséria, a falta de saúde, o álcool, roubaram-lhe a coragem e o ânimo, transformaram-no num ser que só trabalha e não pensa.

De modo que a organização caminha, mas a passos lentos e tão lentos, que a burguesia vai tendo tempo de armar a sua reação e sua contra-revolução! E que fazer, pois?

Perder as esperanças de um futuro melhor?

Desiludir-se da transformação libertadora? Perder a fé na revolução proletária? Camaradas! Mas vede essa juventude que vai vencendo e se formando. Atentai nesses jovens que vão

entrando para as fábricas e para as oficinas. Deixareis que eles sejam como os outros? Que a ignorância os inutilize, que o álcool e a tuberculose os devore?

Deixai, enfim, que eles sejam o caminho de indiferença seguido pelos seus pais e que pereçam no trabalho, como os 'sudras' hindus, cujo único papel na vida é servir aos outros, e cuja condição miserável passa de pai para filhos?

Ah!, posteridade, nunca vos perdoaria essa falta. E a história ao passar por essa época veria uma página branca, a dizer: Aqui não se fez nada...

Compreendi, pois o papel grandioso da juventude de nossos dias! Os meninos e rapazes trabalhadores enchem as nossas fábricas - aumentam o seu número cada vez mais. É o dever de cada operário fazer de cada um desses jovens um futuro militante, ativo corajoso, instruído e que saiba de uma vez derrubar o capitalismo do seu pedestal que já vai apodrecendo e que ela deseja conservar à custa de vosso sangue!

Vejam agora, como se forma um trabalhador de nossos dias.

Vejam os sofrimentos dos jovens e as dificuldades com que lutam, no começo mesmo de sua vida até a sua morte.

Estas observações nos servirão de lição para nos orientar no futuro.

Dizer-vos da vida de um trabalhador no regime burguês é desnecessário. Cada um de vós sabe muito bem e por experiência própria o que é, em suma, a vida de um operário.

Ordenado pequeno; daí: moradia imprestável, inabitável, em subúrbios sujos e lamacentos. Alimentação deficiente, instrução nenhuma ou quase nenhuma. E não raras vezes todas essas desgraças são mergulhadas no álcool, que é a inconsciência e o esquecimento dos males da vida, ao mesmo tempo em que é o maior destruidor do organismo do operário. Quando ele é casado, o que não sofre a companheira? Se trabalha em casa, a sua vida é horrível: cuidar da casa, lavar roupa, muitas vezes para fora, e ainda cozinhar e cuidar dos filhos pequenos.

O que não serão, pois, os filhos desses dois organismos esgotados pelo trabalho excessivo e às vezes pelo álcool? Igual ou pior ainda do que eles. Não raro nasce defeituoso. E o ordenado, que já mal dava para dois, como chegará para três e para quatro? Ah! Ninguém é capaz de imaginar. Só mesmo o operário sabe dizer a dor que sente um homem quando ouve o

filho pedir-lhe pão... Sem saber onde ir buscá-lo. Se há quadro triste na vida humana é certamente esse da vida de um operário...

Comovam-se corações piedosos dos burgueses! Entristeceivos! E para ocultar tantas mágoas, deveis mergulhar os vossos prantos na alegria ruidosa dos chás dançantes do Automóvel Club! Lá não vereis essas cenas dolorosas. Lá a vida é outra, para que pensar em coisas tristes?...

Pobre criança que sente a triste realidade da vida nos primeiros meses de nascida, a sugar o seio seco da mãe...

Cresce, no meio das sujeiras, fraca e doente. E quando tem seis anos de idade, em vez de ires para a escola, pois que não tens sapatos, nem livros, vai para a rua, e debaixo do sol, debaixo da chuva, vende jornais ao burguês que nem se apercebe da tua existência!

Quando cresces mais um pouco, se um bonde ou automóvel não houver ainda cortado as suas pernas, vai trabalhar na fábrica – 8 a 10 horas por dia, para ganhar 2\$000...

Cresce, cresce ainda, que isso não é nada: o pior ainda está por vir... Se o álcool não virar a sua cabeça, nem a necessidade te fizer um reles ladrão, vai morrer tuberculosa numa enxerga, seja dentro dum casebre daquele triste lugar que por ironia talvez da sorte, que é burguesa, se chama Saúde!...

E, enfim, quando fores um pouco mais velho e perguntares a ti mesmo: 'Porque ganho tão pouco?', protesta! Protesta, maluco! Que irás comer chibata e ferro grosso nesse paraíso divino que é a Clevelândia!...

E se não queres protestar então sofre ainda onde estás empregado e morre aqui mesmo, porque o teu fim é morrer antes do tempo!...

Bela vida, com efeito!

Magnífico romance que os burgueses, nos seus milhares de livros, ainda não se lembraram de escrever...

Suponhamos agora que o menino entrou em uma escola? Ensinam-lhe a defender a pátria, essa mesma pátria que lhe nega o pão; ensinam-lhe a crer em Deus, nesse Deus que se existe é só para os ricos. A Moral e Cívica é uma cadeira que agora se ensina oficialmente em todas as escolas. Ler um livro desses é de irritar os nervos quando não mais se pode rir. Está claro que falam em democracia, como se fora possível existir democracia num regime de luta de classes! Falam em respeito às leis e às autoridades, quando são as próprias autoridades que desrespeitam essas leis,

se por acaso, não estão de acordo com os seus interesses; ensinam-lhe a derramar o seu sangue pela pátria, ensinam-lhe que o soldado deve matar o seu inimigo, inimigo da pátria quando o único inimigo do soldado é o seu próprio general!

E mais ainda! A constituição garante liberdade religiosa. E é de ver a fúria católica dos padres querendo infundir no espírito dos jovens o desânimo, a resignação e o medo a Deus, quando seria preciso ensinar-lhes, não a se resignar, mas a protestar contra as misérias a que estiverem sujeitos e a ter confiança em si mesmos e não em um Deus que eles nunca viram e nunca fez nada por eles.

O menino pobre sai da escola com uma cabeça onde só existem confusões e mentiras. Quando a necessidade dele é puramente econômica, quando a fome é que lhe aperta e o faz doente ensinam-lhe que no céu será feliz em vez de mostrar-lhe que enquanto existir esse regime a sua vida será sempre essa! Porque é então que lhe ensinam essas coisas, essas mentiras?

Por que lhe metem na cabeça essas mentiras, repito?

Porque as poucas escolas de que o proletariado dispõe estão nas mãos de governo que é burguês. A burguesia, então, tudo faz para adormecer o instinto revolucionário que existe no fundo da consciência de todos os trabalhadores, com idéias falhas, de pátria e de religião e de respeito à autoridade. E nós sabemos que todas essas coisas são ilógicas, são antinaturais, são inventadas pela burguesia se serve para desviar e tenha o poder... [sic]

Antes de deixar esse assunto que lembrar-vos como pode um jovem operário ter alguma instrução no regime burguês.

Antes de mais nada, sabem todas as dificuldades que ele tem para livros e roupas. Mas há mais interessante: como sabemos o proletariado mora em arrabaldes. E nos arrabaldes afastados mesmo alguns minutos da cidade, não há escolas.

Além das escolas, há ainda outros meios de que a burguesia se serve para desviar o menino de suas tendências revolucionárias.

Os grupos de Escoteiros são agremiações características para a pequena burguesia e uma parte do proletariado mantida pela grande burguesia. Sabemos muito bem o que aí se ensina: sempre as mesmas mentiras de pátria e de religião.

Outra coisa não são os clubes de futebol. Os nossos jovens deixam-se ainda muito levar por esse esporte.

A essa atuação leva-os a entrar em clubes burgueses, e o seu instinto revolucionário perde-se mais uma vez num mar de mentiras e ilusões...

Além disso, tudo falemos dessas revistas para meninos, quais são as que existem? Conhecem o 'Tico-Tico', a 'Revista Infantil', e as seções para criança dos grandes jornais burgueses? É eternamente a mesma cantiga para esses jornalistas de menino - só existem uma espécie de menino - aqueles que podem comprar os jornais. Eles mal imaginam que longe das vistas deles, dormindo mal e comendo pior está uma outra classe, a classe dos meninos pobres, dos que vão vender o jornal ao menino rico, para que ele menino rico se divirta...

Que concluímos de tudo isso? Que mais uma vez está confirmada a sentença de Marx - Para a sua completa emancipação, o proletariado não pode contar senão consigo mesmo.

Para combater as mentiras das escolas burguesas, fundar escolas proletárias - Contra o escotismo burguês - as legiões de meninos revolucionários, as legiões dos pioneiros e dos jovens que nas grandes datas revolucionárias percorrem atualmente as ruas das cidades da Europa, em demonstração de força! Contra os clubes burgueses, contra o esporte burguês, fundemos clubes recreativos essencialmente proletários - dando-lhes orientação revolucionária - contra as revistas infantis burguesas, revistas proletárias.

E quem pode fazer tudo isso senão o proletariado? Quem pode realizar esse trabalho senão a vanguarda consciente, a vanguarda revolucionária do operariado no Brasil?

A cada operário compete ainda em particular educar os seus próprios filhos! O operário que deixa o seu filho freqüentar clubes burgueses, de qualquer natureza, recreativos ou esportivos, quando existem clubes semelhantes essencialmente proletários cometem um crime contra-revolucionário e esse crime é o crime maior de um operário consciente.

Mas, direis - Eles não existem.

Eis, pois o nosso trabalho - fundar agremiações infantis e juvenis permanentes puramente proletárias, agremiações de toda a natureza, como sejam: bibliotecas - escolas - clubes esportivos etc.

Mas não são essas únicas organizações de que precisam os jovens trabalhadores, quando no regime capitalista - Estas que

citamos servem para instruí-los, e proporcionar-lhes diversão e, principalmente, armar-lhes o espírito de classe! – Há outras espécies de agrupações economicamente mais importantes. São os comitês de fábricas, de usinas – Todos os jovens de uma mesma fábrica – reunidos em um comitê para discutir e defender-se contra os planos reacionários do patronato e ao mesmo tempo estudar questões para melhoria de trabalho e outras reivindicações econômicas. Esses comitês reunidos em comitês locais, e comitês regionais representariam uma força extraordinária para lutar contra as pretensões dos proprietários. Imaginem agora o que não seria uma Confederação Nacional de jovens operários – uma confederação que abrangesse todos os trabalhadores jovens do Brasil! Que força extraordinária, que fortaleza inexpugnável, encontraria aí o burguês brasileiro, lacaios do burguês inglês e americano.

Que coisa formidável não seria uma agremiação dessa ordem dentro desse regime que está apodrecendo – Nossas condições econômicas certamente melhorariam – seria mais fácil a nossa vida, até que, afinal, unidos aos trabalhadores adultos, dentro do Partido Comunista. Fizéssemos a revolução libertadora, tirando de vez das mãos da burguesia aquilo que de direito pertence ao proletariado!

Ah! É um sonho, direis, um sonho difícil de tornar real, esse de unir a juventude na Confederação Nacional única, para que possa fazer frente única com o proletariado. Um sonho era também na Rússia e, entretanto, lá temos dois milhões de pioneiros, dois milhões de meninos comunistas, só até os dez anos de idade, cada qual mais consciente dos seus direitos!

É um sonho pelo qual a Juventude Comunista do Brasil vai trabalhar e para o qual pede o auxílio de todos os trabalhadores em geral.

E por isso organizou a Semana da Juventude Proletária.

Essa semana que no nosso país se comemora pela primeira vez, começou como deves saber a 27 de junho, e termina hoje.

Nos outros países ela se realizou de 15 a 22 de maio. E nos outros países, também, ela teve um brilho extraordinário que aqui não pôde ter pelos motivos que bem conheceis; não haver no Brasil uma única agremiação de trabalhadores jovens – a não ser a Juventude Comunista, que constitui a sua vanguarda revolucionária.

A Semana da Juventude é uma chamada feita a todos os trabalhadores: aos jovens para que se agrupem, para que entrem nos sindicatos respectivos e na juventude comunista; aos adultos para, compreendendo o verdadeiro papel revolucionário da juventude, a auxilie em sua organização, educando-a com o espírito de classe que já possuem e ensinando-lhe a tática revolucionária que já adquiriram pela experiência.

Durante essa semana precisamos mostrar aos meninos e aos jovens qual a sua verdadeira situação, como a burguesia agrava essa situação, diminuindo o salário dos seus pais e deles próprios. Precisamos, ainda, nessa semana denunciar as mentiras das escolas burguesas e dirigir a luta contra esse ensino e protestar contra a 'preparação patriótica' que desvia o espírito dos membros da luta de classes, da guerra civil que é a sua verdadeira guerra!

E é preciso ainda tirar da cabeça de muitos trabalhadores essa idéia de que 'eles são ainda jovens e mais tarde compreenderão'. É uma concepção falsa e já vos mostrei por que: se eles tiverem inteligência para compreender que sofrem, necessariamente poderão e deverão compreender 'por que' sofrem!

Pela 7ª vez se comemora no mundo a Semana Internacional dos meninos.

Sua origem data de 1921. E pode-se dizer que ela nasceu da própria juventude, porque foi nos anos de 17 a 21, na Grande Fome, que eles deram mostras de uma coragem e decisão extraordinárias, auxiliando os trabalhadores e os soldados vermelhos.

E ainda no mesmo ano de 21, na luta contra o fascismo, na Itália, onde, por haverem salvo alguns camaradas mais velhos, 30 meninos foram mortos num só dia!

Nos anos seguintes, em outros países, realizava-se a comemoração dessa semana. E à medida que os anos passavam, maiores iam sendo os países que aderiam a esse movimento preparatório de lutas. Esse ano, finalmente, mais de 30 países aderiram a esse movimento. Na Europa, excetuando a Itália e a Bulgária, onde os fascistas e a reação a mais violenta não podem ver um comunista vivo, de pavor, todos os países a comemoraram com extraordinário brilho. Lá nos confins do Oriente, onde os nossos camaradas lutam agora pela sua emancipação, e na Ásia escravizada também os jovens e meninos proletários não foram

esquecidos. Na China, na Mongólia, na Coréia, comemoraram entusiasticamente.

Na América, a Argentina, o Uruguai, o México, acompanharam esse movimento. E agora é o proletariado do Brasil, se bem que um pouco tarde, que a comemora, por iniciativa da Juventude Comunista.

Que vos direis do desenvolvimento internacional da juventude: o que decerto já sabeis – O Brasil, como em tudo o mais que se refere a progresso, marcha na retaguarda dos países... Não é como lamentações patrióticas que vos digo isso; mas é lamentando o atraso a que nos obrigam – a reação e a ilegalidade do Partido Comunista – que é a vanguarda consciente revolucionária do proletariado. Nas estatísticas em legislação social e na terra a que os patriotas chamam de ‘maior país do mundo’, figura em último lugar. Mas em compensação, nas estatísticas de analfabetismo, de mortalidade infantil, podemos gabar-nos de que a Europa se curva ante o Brasil, pois o Brasil é que está sempre em primeiro lugar! É o país que possui o maior número de analfabetos.

Nem falemos mais da Alemanha, da França, da Inglaterra, etc., onde a juventude forma organizações poderosíssimas. Da Rússia, como vereis, nem vale a pena agora lembrar. Na Argentina, aqui bem perto de nós, a juventude possui jornais e não são poucas as células de fábricas que possuem jornaizinhos próprios. Enfim, há alguma agitação.

No Brasil, os jovens continuam a ser explorados e mais do que há dez anos passados.

Porém, a juventude comunista tomou a peito o trabalho dessa organização. E se ela puder contar com o auxílio dos seus camaradas mais velhos, podereis ver a Juventude Proletária do Brasil, marchando passo a passo, com as mais fortes organizações européias.

Já sabeis como sofre e como se explora a juventude nos países burgueses, e no Brasil mais do [que] nos outros, por não estar organizada. Lancemos, pois um ligeiro golpe de vista para a Rússia e vejamos a diferença entre um estado proletário e um estado burguês.

Em 10 anos de vida, recontemos os 3 anos de fome e luta contra a contra-revolução – a Rússia fez mais pelo proletariado e principalmente para os meninos e jovens do que o regime capitalista em séculos de vida.

Na Rússia os menores de 16 anos não podem trabalhar; até essa idade eles recebem instrução geral – o que lhe nega o burguês no regime capitalista. Vemos todos os dias meninos de 12 anos caindo sob o peso dos fardos que carregam – perdendo dedos e mãos nas máquinas que não sabem ainda manejar. Nos trabalhos comuns de produção, a jornada não pode exceder de 8 horas, mas para os jovens de 16 a 18 anos ele não pode passar de 6 horas!

Todos os trabalhadores com menos de 18 anos têm um mês de férias anuais.

E como nenhuma empresa pode ser inaugurada sem prévia inspeção do Comissariado da Saúde Pública, não há o perigo das fábricas anti-higiênicas, sem ar, sem luz, sem água filtrada.

Excepcionalmente, apenas, trabalham pobres de 14 anos. Mas seu trabalho não pode exceder a 4 horas por dia. Nenhum pode ser enviado ao trabalho sem exame médico.

Para o operário adulto, e mesmo jovens, todas as seguranças sociais: socorro médico, garantia em caso de doença temporária ou invalidez, socorro à sua família, etc.

O trabalho suplementar e o trabalho à noite são estritamente proibidos a menores de 18 anos. Os menores são ainda proibidos de trabalhar em tarefas mais ou menos insalubres. Na América do Norte – na Europa – é comum ver meninos de 12 anos fazendo trabalhos em minas às vezes a 50 e 100 metros de profundidade – o ar irrespirável, pesado, escuro – a água naturalmente intragável e já imaginais por que preço. Na América do Norte há então minas que empregam populações inteiras de trabalhadores que constituem nas suas proximidades uma verdadeira cidade. Avaliai a saúde desses trabalhadores e a saúde dos filhos desses trabalhadores.

Quanto à instrução dos jovens, e sua aprendizagem – o tempo me obriga a ser breve – citarei apenas alguns pontos mais importantes e julgareis.

Antes de tudo, desde já ficareis sabendo que a instrução é geral, obrigatória e extensiva a todos. Antes da Revolução a Rússia constituiu, com o Brasil, a vanguarda do analfabetismo com 85% de analfabetos. O Brasil, onde ainda não chegou a revolução, mantém-se firme no 1º lugar, sem querer ceder um passo. Enquanto a Rússia – a Rússia Proletária, nesses poucos anos de organização, reduziu-os a cerca de 25 a 30%. E desses mesmos a maioria é constituída de velhos, que não mais puderam aprender.

Dentre a geração que vem surgindo agora, podem contar-se os poucos que ainda não sabem ler. Esse ano, na Rússia vai começar uma atividade especial contra o analfabetismo, e poderemos garantir-vos que dentro de dois anos, a Rússia terá todos os seus habitantes sabendo, no mínimo ler e escrever. Há ainda em matéria de instrução, uma coisa interessante que não existe em outros países. Os alunos constituem entre si pequenas agrupações dirigidas por eles mesmos, sob o controle dos professores. Essa miniatura de organizadores dá origem aos futuros dirigentes do Estado proletário.

Enfim, por agora basta. Já por aí podereis calcular a vantagem de que goza o jovem explorado, do regime capitalista, nas escolas e nas fábricas do regime sem classes - que é o comunismo.

Comparai e julgai.

Depois de tudo isso poderemos concluir alguma coisa? Poderemos tirar algum resultado de tudo que foi exposto? Certamente. Vamos que o regime capitalista é logicamente incompatível com o bem-estar do proletariado e com o progresso mesmo da humanidade. Vemos que as escolas, as organizações e revistas e jornais burgueses não são mais do que meios de que se serve a burguesia com o fim de preparar o espírito dos jovens a uma mais fácil exploração. O analfabetismo, podemos dizer legalizado, no Brasil é negar instrução ao proletariado para que lhe aprendendo a ler [*sic*], não caia na asneira de ler livros 'subversivos'.

Vemos ainda que as condições do proletariado pioram cada vez mais com a gana de lucro dos capitalistas que são, como diz o nosso camarada Octavio Brandão, uma barrica sem fundo, que por mais que se encha, nunca está bastante cheia. Poderíamos compará-lo ainda a uma bola elástica que vamos enchendo de ar: enche, enche, a bola estica, cada vez mais, sem nunca parecer ter bastante. Mas vai um dia a maldita bola arrebenta... e então não há santo que a salve.

Um exemplo vivo temos em Geraldo Rocha, com o monopólio do leite: já aumentou para 900 réis e amanhã aumentá-lo-á para 1.000 réis e assim por diante. Quem não gostar, cadeia! Mas, ah!, deixai a bola encher que um dia se arrebentará!

Concluimos de tudo isso que só temos a dispor da revolução, da guerra civil, sangrenta, pouco importa. Muito mais sangue se tem derramado nas guerras imperialistas. Só assim poderemos

conquistar o que é nosso pelo direito da produção e constituir um regime comunista como estão fazendo na Rússia. Única coisa que nos salvará de uma vida indesejável de sofrimentos e misérias!

O Brasil, bem o sabeis, está, porém, neste assunto muito atrasado: o proletariado, como que acostumado a uma escravidão perpétua, é quase indiferente – excetuado essa pequena minoria que constitui a vanguarda consciente, o Partido Comunista e simpatizantes.

É, pois, a vós, jovens e meninos que está destinado esse grande papel na história da humanidade. É em vós que a classe operária apóia as suas esperanças!

Sofreis! Deveis lutar contra isso. Deveis procurar organizar-vos e seguir a direção do Partido Comunista que constitui a vanguarda revolucionária da juventude consciente. Deveis entrar na Juventude Comunista e aprender o que não vos ensina a burguesia. Deveis ao menos interessar-vos mais por um assunto que vos toca tão de perto. Que ao sairdes daqui estejais prontos e decididos a levantar-vos ao primeiro toque de reunir que vos lançará a Juventude Comunista! E se isso se der, teremos dentro em breve uma vanguarda revolucionária que há de aterrorizar o mundo burguês nos seus pedestais meio podres!

Deveis sempre protestar contra o ‘patriotismo’, esse ‘patriotismo’ que vos obriga ao ‘militarismo’ e conseqüentemente a ir derramar o vosso sangue nos campos de batalha, quando dois malditos burgueses quaisquer estão às voltas.

Como dizia Lenin, deveis armar-vos, mas, para quando tiverdes as armas na mão, não atirar sobre o soldado estrangeiro, mas contra os vossos patrões que vos obrigam a tamanho morticínio! E transformar a guerra imperialista em guerra civil!

Deveis ainda protestar contra a educação religiosa, porque a religião ordena a resignação e a resignação é um ato indigno para o proletariado que sofre!

Protestai enquanto sois jovens, contra esse veneno das energias, porque quando fordes mais velho já ele estará misturado com vosso sangue e não o largareis.

Enfim, repito: Organizai-vos! Tende pelo menos isso em fito! Entrai nos vossos sindicatos, aderi à Juventude Comunista! Pois se não fizerdes isso, um destino, uma vida mil vezes pior vos estará reservada!

E agora vós, trabalhadores adultos. A Juventude Comunista do Brasil lança um apelo a todos os trabalhadores. Auxiliai-nos na nossa tarefa, que é grande. Sem o vosso auxílio, sem o auxílio dos pais, nada conseguiremos dos filhos! Se vós estiverdes indiferentes à educação da juventude, será o mesmo que estar contra ela e contra vós mesmos, porque – já vos disse, repetindo Lenin – a juventude salvará a nossa classe!

Façamos escolas proletárias, clubes proletários; eduquemos a juventude das fábricas e dos campos e auxiliemo-la a organizar-se.

E um dia a bandeira vermelha tremulará vitoriosa aqui como no mundo inteiro!

Viva a Juventude Proletária!

Viva a Juventude Comunista!

Viva o Partido Comunista!

Viva a frente única do proletariado!"

A NAÇÃO AND THE COMMUNIST YOUTH OF BRAZIL

ABSTRACT

The Russian Revolution (1917) and the foundation of the International Communist (1919) internationally imposed a new mold to the workers organized political movement. It included the global centralization, both organizative and ideological. In Brazil, with the fragile organizative and political tradition of the workers movement, the creation of the Brazilian Communist Party (PCB), in 1922, brought a series of questions that already existed in Europe for decades, but that around here were practically inexistent. Among these questions was the political organization of youth, which in Europe had already a history, which started in the 1880s. Although predicted in its statute since your foundation, the PCB can only consolidate your youth organization in 1927. For this, the communist daily newspaper from Rio de Janeiro, «A Nação», which was published from January to August of 1927, will have a fundamental role in a period of semi legal action of Brazilian communists. Through its pages, with a hard work, done by inexperient and volunteer young people, will have a start the conformation of this organization. In this organization work will be established points of identity of this new way of youth organization in Brazilian lands, that so far has just being organized under the custody of the Catholic Church.

KEYWORDS

Communism. Youth. Communist Party of Brazil (PCB). *A Nação*.



Edgard Leuenroth [196-].
(Acervo Família Leuenroth; Arquivo Edgard Leuenroth/
UNICAMP, Campinas, São Paulo, foto reproduzida n. 35.)